



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CAMPUS III – BACABAL  
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS COM HABILITAÇÃO EM SOCIOLOGIA

**CLEOMAR DE JESUS ARAUJO**

**AUTISMO: Conhecer para Incluir**

Bacabal - MA  
2018

**CLEOMAR DE JESUS ARAUJO**

**AUTISMO: Conhecer para Incluir**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, campus de Bacabal, para obtenção do grau de licenciatura em Ciências Humanas com habilitação em Sociologia.

Orientador: Prf<sup>o</sup> Esp. Gérison Kézio Fernandes Lopes

Bacabal - MA

2018

ARAUJO, Cleomar de Jesus.

AUTISMO: Conhecer para Incluir / Cleomar de Jesus  
ARAUJO. - 2018.

59 p.

Orientador(a): Gérison Kézio Fernandes Lopes.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -  
Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, BACABAL,  
2018.

1. Autismo. 2. Cursos de Formação Docente. 3.  
Inclusão Escolar. 4. Professores. I. Kézio Fernandes  
Lopes, Gérison. II. Título.

**CLEOMAR DE JESUS ARAUJO**

**AUTISMO: Conhecer para Incluir**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, campus de Bacabal, para obtenção do grau de licenciatura em Ciências Humanas com habilitação em Sociologia.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Esp. Gérison Kézio Fernandes Lopes  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA/Bacabal)  
Orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Cristiane Navarrete Tolomei  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA/Bacabal)

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Marisa Pascarelli Agrello  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

*A todos as famílias que tem em seu convívio uma pessoa autista, pois é um ser muito especial, e que tem muito a ensinar para as pessoas que estão a sua volta.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus em primeiro lugar, pela dádiva da vida, por dar-me saúde, coragem e sabedoria para enfrentar os desafios do dia a dia que sempre aparecem, e por guiar os meus passos sempre.

Agradeço a minha família, que é meu tudo, o alicerce de todo ser humano, a base de tudo, onde podemos nos apoiar e contar sempre, e encontrar os elementos necessários como: a amizade, o carinho, o companheirismo, a compreensão, e palavras de incentivo nos momentos de desânimo. Sem eles seria bem mais difícil.

Aos meus colegas de classe e em especial as minhas queridas colegas que compunha a equipe de apresentação de trabalhos da qual fiz parte durante toda a graduação: Fortunata, Jesiane, Lília Vanessa, Paula Rayssa, Silvana e Tâmara, foram muitas as reuniões aos sábados, domingos e feriados no decorrer do curso para estudarmos para nossos trabalhos em equipe. Sentirei saudades meninas!

Ao meu querido orientador Gérison Kézio por ter aceitado a me orientar na construção desse trabalho. Obrigada por suas dicas professor.

A todos os professores que fizeram parte dessa trajetória durante esses anos de curso, contribuindo cada um à sua maneira, transmitindo um pouco de seus conhecimentos para a minha formação.

E aos demais funcionários da Instituição como: os técnicos administrativos, bibliotecárias, assistentes sociais, sempre disponíveis a fornecer as informações que lhes são solicitadas.

A todos: muito obrigada!

## **Somos todos autistas, a gradação está nos rótulos**

Scheilla Abbud Vieira, 2007<sup>1</sup>

Quando eu me recuso a ter um autista em minha classe, em minha escola, alegando não estar preparada para isso, estou sendo resistente à mudança de rotina.

Quando digo ao meu aluno que responda a minha pergunta como quero e no tempo que determino, estou sendo agressiva.

Quando espero que outra pessoa de minha equipe de trabalho faça uma tarefa que pode ser feita por mim, estou usando-a como ferramenta.

Quando, numa conversa, me desligo “viajo”, estou olhando em foco desviante, estou tendo audição seletiva.

Quando preciso desenvolver qualquer atividade da qual não sei exatamente o que esperam ou como fazer, posso me mostrar inquieta, ansiosa e até hiperativa.

Quando fico sacudindo meu pé, enrolando meu cabelo com o dedo, mordendo a caneta ou coisa parecida, estou tendo movimentos estereotipados.

Quando me recuso a participar de eventos, a dividir minhas experiências, a compartilhar conhecimentos, estou tendo atitudes isoladas e distantes.

Quando nos momentos de raiva e frustração, soco o travesseiro, jogo objetos na parede ou quebro meus bibelôs, estou sendo agressiva e destrutiva.

Quando atravesso a rua fora da faixa de pedestre, me excedo em comidas e bebidas, corro atrás de ladrões, estou demonstrando não ter medo de perigos reais.

Quando evito abraçar conhecidos, apertar a mão de desconhecido, acariciar pessoas queridas, estou tendo comportamento indiferente.

Quando dirijo com os vidros fechados e canto alto, exibo meus tiques nervosos, rio ao ver alguém cair, estou tendo risos e movimentos não apropriados.

Somos todos autistas. Uns mais, outros menos. O que difere é que em uns (os não rotulados), sobram malícia, jogo de cintura, hipocrisias e em outros (os rotulados) sobram autenticidade, ingenuidade e vontade de permanecer assim.

---

<sup>1</sup> Disponível em: [autisters.blogspot.com/2009/07/autistando.html](http://autisters.blogspot.com/2009/07/autistando.html): Acesso em: 28/11/2017.

## RESUMO

O presente trabalho traz como tema central o autismo que passou a adotar o termo TEA – Transtorno do Espectro Autista desde o lançamento do DSM-5, Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª ed., em 2013, termo este utilizado para se referir aos indivíduos que apresentam grandes prejuízos que variam do leve ao grave nas áreas da socialização, comunicação e comportamentos com interesses restritos e repetitivos, e que passa englobar vários termos que antes eram classificados separadamente. O objetivo desse estudo é conhecer as características apresentadas pelo indivíduo com esse transtorno, pois é a partir desse conhecimento que será possível ajudá-los a se desenvolver melhor como pessoa e também no processo de inclusão tanto no âmbito social quanto no contexto educacional, e para isso, é de suma importância que a família e os profissionais da educação entendam como funciona o cérebro de um autista, quais suas peculiaridades cognitivas, pois só assim os professores conseguirão trabalhar melhor a inclusão dessa criança em uma turma regular de ensino. Para o estudo em questão, utilizou-se de uma pesquisa bibliográfica. E em um segundo momento foi realizada uma pesquisa de campo com graduandos de alguns cursos de licenciatura na área da educação cujo finalidade da mesma é averiguar se os mesmos, tiveram durante a graduação alguma disciplina específica voltada para temática educação especial e inclusiva e quais os conhecimentos adquiridos nas mesmas, em especial a temática Transtorno do Espectro Autista (TEA).

**Palavras Chave:** Autismo; Inclusão Escolar; Professores; Cursos de Formação Docente.

## **ABSTRACT**

The present work has as a central theme the autism that started adopting the term TEA - Autism Spectrum Disorder since the launch of DSM-5, Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, 5th ed., In 2013, a term used to refer to individuals who present great harm ranging from mild to severe in the areas of socialization, communication and behavior with restricted and repetitive interests, and which includes several terms that were previously classified separately. The objective of this study is to know the characteristics presented by the individual with this disorder, since it is from this knowledge that it will be possible to help them to develop better as a person and also in the process of inclusion in both the social and educational contexts, it is very important that the family and education professionals understand how the autistic brain works, what their cognitive peculiarities are, because only then will the teachers be able to work better to include this child in a regular classroom. For the study in question, a bibliographic search was used. And in a second moment was carried out a field research with undergraduates of some degree courses in the area of education whose purpose is to find out if they had during the graduation some specific discipline focused on the theme of special and inclusive education and what the knowledge acquired in them, especially the theme Autism Spectrum Disorder (TEA).

**Keywords:** Autism; School inclusion; Teachers; Teacher Training Courses.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. DO AUTISMO AO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM CAMINHO A PERCORRER .....</b>	<b>13</b>
2.1 Um breve histórico do autismo ao longo dos tempos .....	14
2.2 Definições do autismo.....	15
2.3 Características do autismo.....	21
2.4 Critérios para diagnóstico .....	25
2.5 Critérios Diagnósticos para Transtorno Autista - DSM-IV-TR (299.00).....	25
<b>3. DA EXCLUSÃO A INCLUSÃO: O ESTUDANTE AUTISTA NA ESCOLA REGULAR .....</b>	<b>30</b>
3.1 Aspectos gerais da inclusão .....	30
3.2 Incluir ou Integrar? .....	31
3.3 Das escolas regulares .....	33
3.4 O estudante com espectro autista em sala de aula.....	35
3.5 Da formação do professor.....	39
<b>4. PESQUISA DE CAMPO .....</b>	<b>42</b>
4.1 Metodologia .....	42
4.2 Identificação dos sujeitos da pesquisa .....	42
4.3 Apresentação e discussão dos resultados .....	43
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>54</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>56</b>
<b>ANEXO A: QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>56</b>
<b>ANEXO B: TERMO DE CONSENTIMENTO/ESCLARECIMENTO AO ENTREVISTADO .....</b>	<b>58</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O transtorno do espectro autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS, 5ª ed. DSM-5, 2013, p. 75).

O professor interessado pode fazer muito pelas crianças com autismo, mesmo que não seja especialista nessa área. Com amor, dedicação e paciência poderá ganhar a confiança eterna de uma criança. O primeiro passo é o conhecimento. Informações específicas sobre o funcionamento autista são ferramentas essenciais para orientar o professor no trato com esse aluno e, sobretudo, auxiliá-lo em seu desenvolvimento. Algumas sutilezas, como falar baixo, chamar a atenção de forma delicada ou ajudá-lo a entender o conteúdo por meio de figuras ou imagens, são sempre muito bem-vindas. (SILVA, 2012). A aprendizagem de uma criança com TEA requer muita dedicação por parte dos professores, e para isso, é de extrema importância a capacitação desse profissional para lidar com crianças que tenham esse transtorno e trabalhar a inclusão da mesma em uma turma regular de ensino, pois a educação é essencial para o desenvolvimento cognitivo e psicossocial desse indivíduo.

A escolha do tema desse trabalho surgiu durante os estágios supervisionados no ensino fundamental, um dos requisitos obrigatórios e de fundamental importância nos cursos de formação de professores. Observei em uma das salas onde acompanhava a aula da professora regente, a presença de dois alunos com deficiência e perceber que os mesmos ficavam excluídos das atividades que a professora passava para os demais alunos. Não havia ali a inclusão que tanto se prega, e sim uma exclusão, pois ficou nítida a dificuldade que os professores tinham para lidar com esses alunos, para que os mesmos pudessem participar das mesmas tarefas ao mesmo tempo que o restante da turma, pois de acordo com a Declaração de Salamanca, (1994), a mesma enfatiza que: o princípio fundamental das escolas

inclusivas consiste todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Ou seja, todas as crianças devem participar das mesmas atividades aplicadas na turma, foi então que surgiu o interesse e a necessidade em buscar mais conhecimentos sobre inclusão de alunos com deficiência na escola regular de ensino, pois como futura professora, preciso estar preparada para lidar com esses alunos que não escolhem ser deficientes. Então a partir dessas observações em sala de aula surgiram alguns questionamentos como: o que fazer para ajudar esses alunos a desenvolver-se dentro do possível as suas potencialidades? Como contribuir para que de fato essa inclusão ocorra e o aluno não fique apenas inserido na sala regular de ensino? Essas questões serviram de motivação para a realização desse trabalho cujo objetivo é conhecer as características apresentadas pelo indivíduo com o Transtorno do Espectro Autista, quais os prejuízos que o mesmo traz para a criança no processo de desenvolvimento e aprendizagem, e oferecer informações para que estudantes e profissionais da educação ampliem seus conhecimentos sobre o transtorno autista. Pois é de fundamental importância que os professores ao receber em suas salas de aula um aluno com deficiência procure conhecer qual a deficiência de seu aluno. E dentre tantas deficiências, escolhi o autismo pelo fato de ser diferente em relação a tantas outras deficiências existentes, o mesmo não apresenta características físicas perceptíveis, é um transtorno que ainda não tem uma definição, é uma incógnita a ser desvendada pelos pesquisadores do assunto. Segundo Cunha (2009), o autismo não tem cura, o quadro vai mudando conforme o indivíduo fica mais velho, dependendo do processo decorrente com suas experiências vividas, como é tratado, como se relaciona com os outros, como foi sua vida escolar e familiar.

O método utilizado para a realização desse trabalho foi a pesquisa bibliográfica, tendo como referencial teórico artigos científicos, revistas especializadas e livros, dentre os quais, dois que considero de fundamental importância para o conhecimento a cerca do autismo e a inclusão escolar desse indivíduos, são eles: o livro intitulado "*Mundo Singular: entenda o autismo*" (2012), de Ana Beatriz Barbosa Silva, médica psiquiatra com referência nacional no tratamento de transtornos mentais, especialista em autismo, e o livro intitulado *Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* (2003), de Maria Teresa Eglér Mantoan, mestra e doutora em educação, autora de vários livros sobre inclusão escolar. Além da pesquisa bibliográfica, foi realizada uma pesquisa de campo.

No primeiro capítulo, será abordado um pouco sobre o histórico do autismo, como surgiu suas primeiras manifestações, conceitos e as principais características do transtorno descrito inicialmente pelo médico austríaco Leo Kanner em 1943, e quais os critérios para que se possa ser feito um diagnóstico mais preciso e só depois dizer se o indivíduo tem esse transtorno do espectro autista.

Já o segundo capítulo, apresenta de forma sintética os aspectos gerais da inclusão, principalmente no âmbito educacional, a distinção entre incluir e integrar, as escolas regulares, a inclusão do aluno com espectro autista em sala de aula regular e a importância da formação do professor para que o mesmo possa ajudar no processo de ensino-aprendizagem dessas crianças com deficiência, em especial o indivíduo autista, pois será um processo muito difícil por ser um transtorno que apresenta diferentes graus de comprometimento que varia do leve ao severo, se tornando assim um desafio para os profissionais da educação.

E o terceiro e último capítulo, traz uma pesquisa com graduandos e/ou recém-graduados de alguns cursos de licenciatura em formação docente, cuja a finalidade é verificar se no decorrer de sua graduação foi ministrada alguma disciplina voltada exclusivamente para a temática educação inclusiva de alunos com necessidades especiais em sala regular de ensino, e em especial aquele diagnosticado com o TEA – Transtorno do Espectro autista, foco principal desse estudo, e averiguar se os futuros docentes tem algum conhecimento sobre esse transtorno, e se os mesmos se sentem preparados para trabalhar com a inclusão apenas com os conhecimentos obtidos na graduação.

## 2. DO AUTISMO AO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM CAMINHO A PERCORRER

Uma pessoa com autismo sente, olha e percebe o mundo de maneira muito diferente da nossa. Pais, professores, profissionais e a sociedade como um todo precisam mergulhar em seu universo particular e perceber o mundo da mesma forma que ela o vê. Imbuídos desse espírito, os resultados dessa empreitada são surpreendentes e transformadores (SILVA, 2012).

Autismo? Transtorno Autista? Transtorno de Asperger? Transtorno Desintegrativo da Infância? Transtorno Global do Desenvolvimento sem outra especificação, Transtorno Invasivo do Desenvolvimento? Espectro Autista? Todas essas expressões são utilizadas para se referir a criança com dificuldades de socialização, comunicação e comportamento.

Desde os seus primeiros estudos sobre o autismo, são tantos os termos utilizados para se referir a esse transtorno que às vezes até confunde quem está pesquisando sobre o tema. Atualmente, se lida com transtorno do espectro autista em seus diversos graus, uma vez que uma pessoa com autismo não é igual à outra, e que apesar de fazerem parte dos principais critérios que definem uma pessoa com autismo, diagnosticado pela escala estabelecida pela “sociedade médica” e elencado pelo DSM V como: leve, moderado e severo.

Em 2013 foi publicado a 5ª versão do DSM-V, que adotou um novo termo a ser utilizado agora para se referir a todas essas categorias mencionadas acima, que é o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O documento em sua 5ª versão afirma que:

Manifestações do transtorno também variam muito dependendo da gravidade da condição autista, do nível de desenvolvimento e da idade cronológica; daí o uso do termo espectro. O transtorno do espectro autista engloba transtornos antes chamados de autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, transtorno desintegrativo da infância e transtorno de Asperger (MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS, 5ª ed. DSM – 5, 2013, p. 53).

Como pode se observar, com o lançamento do DSM V, deu-se mais clareamento na hora de se entender o que é o autismo, pois houve uma unificação de vários termos que antes eram classificados separadamente, cada um com critérios para o diagnóstico diferente, apesar de alguns desses transtornos terem características bem semelhantes.

## 2.1 - Um breve histórico do autismo ao longo dos tempos

A palavra “autismo” deriva do grego “autos”, que significa “voltar-se para si mesmo”. A primeira pessoa a utilizá-la foi o psiquiatra austríaco Eugênio Bleuler, em 1911, para descrever umas das características de pessoas com esquizofrenia, se referindo ao isolamento social dos indivíduos acometidos.

Em 1943, o psiquiatra infantil austríaco Leo Kanner publicou um estudo no qual, 11 (onze) crianças que apresentavam isolamento extremo desde o início da vida, apego as rotinas, preferências por objetos inanimados em detrimento das pessoas, ecolalia imediata e tardia e inversão pronominal, foram diagnosticadas como “esquizofrenia ou psicose infantil”. Inicialmente, ele formulou a teoria de que estes sintomas seriam inatos àquelas crianças. Esse mesmo cientista criou o conceito de “mãe geladeira” ao descrever o comportamento observado por ele nas mães de crianças com autismo, pois referiu que elas apresentavam contato afetivo frio, mecanizado e obsessivo, apesar do alto grau de desenvolvimento intelectual. No entanto, anos mais tarde o mesmo psiquiatra veio a público para retratar-se por essa consideração (SILVA, 2012).

No ano seguinte em 1994, segundo Silva (2012), o pesquisador austríaco Hans Asperger, publicou em sua tese de doutorado, a psicopatia autista da infância, um estudo observacional com mais de 400 (quatrocentas) crianças, avaliando seus padrões de comportamentos e habilidades. Descreveu um transtorno da personalidade que incluía falta de empatia, baixa capacidade de fazer amizades, monólogo, hiperfoco em assunto de interesse especial e dificuldade de coordenação motora. (quadro que depois ficou denominado como “Síndrome de Asperger”).

Hans Asperger cunhou o termo psicopatia autística e chamava as crianças que estudou de “pequenos mestres”, devido a sua habilidade de discorrer sobre um tema minuciosamente.

A partir da década de 1960, a psiquiatra inglesa Lorna Wing, passa a publicar textos de grande importância para o estudo deste assunto, inclusive traduzindo para o inglês os trabalhos de Hans Asperger, popularizando suas teorias. Lorna Wing foi a primeira pessoa a descrever a tríade de sintomas: alterações na sociabilidade, comunicação/linguagem e padrão alterado de comportamentos. (SILVA. 2012).

Até então, o autismo infantil ainda persistia como um subgrupo dentro das psicoses infantis. Era considerada uma forma de esquizofrenia, o que faz com que

alguns profissionais ainda usem a denominação errônea de “psicose infantil” para se referir a esses pacientes. Na década de 1980, o autismo recebeu um reconhecimento especial, diferente da esquizofrenia, o que propiciou um maior número de estudos científicos, recebendo a denominação diagnóstica correta e com critérios específicos. Desde então, o problema passou a ser tratado como uma síndrome, como um distúrbio do desenvolvimento e não mais como uma psicose.

## **2.2 - Definições do autismo**

Até o momento, não tem-se um conceito bem estabelecido a respeito do transtorno do espectro autista, os pesquisadores que se propõem a estudar sobre esse tema tão complexo e difícil de se diagnosticar por apresentar uma quantidade bem variada de características que acomete os indivíduos que sofrem desse transtorno, desenvolveram seus estudos a partir da concepção de Leo Kanner, médico psiquiatra austríaco, que em 1943, fez as primeiras descrições sobre o autismo, que até então, era tido como uma esquizofrenia. Após seus estudos e publicações a cerca do autismo, foram surgindo vários trabalhos e definições desse transtorno com algumas transformações ao longo dos anos.

Nas últimas décadas, surgiram vários documentos que trazem algumas definições acerca do autismo. Atualmente existem três dos mais conceituados manuais de diagnósticos, considerados os mais importantes e os mais utilizados como referência por profissionais da área da saúde mental, estudantes e pesquisadores. São eles: O DSM V, que se encontra na sua 5ª versão, elaborado pela American Psychiatric Association e lançado em 2013, considerado o documento de maior referência sobre os transtornos mentais, o da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da Sociedade Nacional para Crianças Autistas.

De acordo com a definição apresentada pelo DSM-V, Manual Diagnóstico e Estatístico da Associação Norte-Americana de Psiquiatria.

O transtorno do espectro autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (DSM-V, 2013, P. 75).

Neste manual o autismo é definido por déficits presentes na tríade: interação social, comportamento e comunicação. Além desses déficits, o indivíduo tem de apresentar comportamentos restritos e repetitivos.

Na (CID 10) Classificação Internacional de Doenças publicada pela OMS, o autismo é definido como um Transtorno Global do Desenvolvimento apresentando os seguintes aspectos:

a) um desenvolvimento anormal ou alterado, manifestado antes da idade de três anos, e b) apresentando uma perturbação característica do funcionamento em cada um dos três domínios seguintes: interações sociais, comunicação, comportamento focalizado e repetitivo. Além disso, o transtorno se acompanha comumente de numerosas outras manifestações inespecíficas, por exemplo, fobias, perturbações de sono ou da alimentação, crises de birra ou agressividade (auto agressividade). (OMS, 1993, p. 367 apud SUPLINO, 2007, p.28).

Percebe-se também nesta definição dada pela OMS, que o autismo é colocado como uma perturbação no trio: interação social, comunicação e comportamento seguido de outros distúrbios como: a falta de sono e agressividade.

Já para a National Society for Autistic Children (Sociedade Nacional para Crianças Autistas) o autismo é definido como:

uma inadequacidade no desenvolvimento que se manifesta de maneira grave durante toda a vida. É incapacitante e aparece tipicamente nos três primeiros anos de vida. Acomete cerca de cinco entre cada dez mil nascidos e é quatro vezes mais comum entre meninos que meninas. É encontrada em todo mundo e em família de qualquer configuração racial, étnica e social.[...].Os sintomas [...] incluem:

1. Distúrbio no ritmo de aparecimento de habilidades físicas, sociais e linguísticas;
2. Reações anormais às sensações. As funções ou áreas mais afetadas são: visão, audição, tato, dor, equilíbrio, olfato, gustação e maneira de manter o corpo;
3. Fala e linguagem ausentes ou atrasadas. Certas áreas específicas do pensar presentes ou não. Ritmo imaturo da fala, restrita compreensão de ideias. Uso de palavras sem associação com o significado.
4. Relacionamento anormal com objetos, eventos e pessoas. Respostas não apropriadas a adultos ou crianças. Objetos e brinquedos não usados de maneira devida.

[...] A pessoa portadora de autismo tem uma expectativa de vida normal. Uma reavaliação periódica é necessária para que possam ocorrer ajustes necessários quanto às suas necessidades, pois os sintomas mudam e alguns podem até desaparecer com a idade. (GAUDERER, 1993, pág. 3, 4 apud PRAÇA, 2011, p. 21).

Nessa definição, fica claro que o autismo pode se apresentar em qualquer pessoa, independentemente de sua classe social, étnica ou racial, e que em alguns casos pode vir acompanhado de outras deficiências como: a visual e a auditiva. A sua prevalência é predominantemente em crianças do sexo masculino e seus sintomas o diferem de outras deficiências.

É possível perceber nas citações acima que todas as definições apresentadas em ambos os manuais a respeito do Transtorno do Espectro Autista, os mesmos sempre mencionam alteração no trio de deficiência: a interação social, comunicação e o comportamento repetitivo. E que os sintomas aparecem sempre nos três primeiros anos de vida.

Ainda sobre as definições do autismo, SILVA (2012), ao enfatizar que o autismo é um transtorno global do desenvolvimento infantil que se manifesta antes dos 03 (três) anos de idade e se prolonga por toda a vida, acrescenta ainda uma informação muito importante que é desconhecida pela população, quando diz que: Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 70 (setenta) milhões de pessoas no mundo são acometidas pelo transtorno, sendo que, em crianças, é mais comum que o câncer, a AIDS e o diabetes (SILVA, 2012, p. 04). A mesma autora afirma que dentre as três áreas mais afetadas que é da socialização, comunicação e do comportamento, como já visto antes, dentre elas, a mais comprometida é a interação social.

A principal área prejudicada, e a mais evidente, é a da habilidade social. A dificuldade de interpretar os sinais sociais e as intenções dos outros impede que as pessoas com autismo percebam corretamente algumas situações no ambiente em que vivem.

A segunda área comprometida é a da comunicação verbal e não verbal. A terceira é a das inadequações comportamentais. Crianças com autismo apresentam repertório de interesses e atividades restritos e repetitivos (como interessar-se somente por trens, carros, dinossauros, entre outros), tem dificuldade de lidar com o inesperado e demonstram pouca flexibilidade para mudar as rotinas.

O autismo está incluído em um grupo diagnóstico denominado transtornos globais do desenvolvimento. Estes são caracterizados, principalmente, por dificuldades de socialização, que tem início precoce e podem permanecer por toda a vida, comprometendo algumas capacidades adaptativas de comunicação e de relações pessoais.

Esses transtornos estão divididos em cinco categorias que serão apresentadas a seguir, destacando-se as principais características dos mesmos de forma não aprofundada, pois o foco principal desse capítulo é sobre o autismo e suas variações.

**1. Transtorno do autismo** - é um transtorno global do desenvolvimento infantil que se manifesta antes dos 3 anos de idade e se prolonga por toda a vida. Caracteriza-se por um conjunto de sintomas que afeta as áreas da socialização, comunicação e do comportamento, e, dentre elas, a mais comprometida é a interação social.

**2. Síndrome de Asperger sem outra especificação** - A síndrome de Asperger é um transtorno global do desenvolvimento com muitas características semelhantes ao autismo, tais como comprometimento das interações sociais, padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades. No entanto, não existe atraso importante ou significativo no desenvolvimento da linguagem verbal. As pessoas com síndrome de Asperger apresentam inteligência média ou acima da média, isto é, não apresentam limitações intelectuais. Esta síndrome muitas vezes pode ser confundida com autismo de alto desempenho.

**3. Síndrome de Rett** – Essa síndrome não faz parte do espectro do autismo. É uma síndrome rara, que acomete principalmente meninas. Sua prevalência está em torno de uma a cada 10 mil meninas. A doença possui causa genética identificada, mas não é herdada, ou seja, a mutação ocorre especificamente naquela criança. O problema evolui em fases, aparecendo inicialmente entre 6 e 18 meses de vida. Primeiro a criança passa por uma fase de estagnação, caracterizada por uma parada no desenvolvimento. Então acontece a desaceleração no crescimento do crânio, a diminuição da interação social e o conseqüente isolamento. Depois a criança passa por uma fase de regressão psicomotora, com irritabilidade e comportamentos parecidos com os do autismo. Manifestam-se a perda da fala e movimentos estereotipados das mãos. Nessa fase também surgem crises convulsivas, muitas vezes com gravidade. Geralmente a criança evolui com muitas dificuldades motoras ao longo da vida.

**4. Transtorno desintegrativo da infância** - também não faz parte do espectro do autismo. Ocorre em crianças que tiveram o desenvolvimento aparentemente normal nos primeiros 2 ou 3 anos de vida e, a partir de então, apresentam uma perda grave das habilidades sociais e comunicativas. Após esse período de regressão, elas entram numa fase de estagnação, com manutenção das dificuldades. É um transtorno muito

raro, que ocorre em aproximadamente em 1, 7 criança a cada 100 mil e cuja causa ainda é desconhecida.

**5. Transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação** - é uma categoria diagnóstica de exclusão, isto é, podemos considerá-lo uma categoria de "traços" de autismo, já que os indivíduos que o apresentam não preenchem todos os critérios diagnósticos da tríade de base alterada (disfunção na socialização, comunicação e comportamentos), mas possuem prejuízos importantes em suas vidas sociais.

O autismo tem suas variações que vai desde traços leves, que não permitem fechar um diagnóstico, até o quadro clínico complexo com todos os sintomas. Essas variações transitam pela tríade de deficiência nas áreas social, de comunicação e de comportamento, mas nem sempre todas essas dificuldades aparecem juntas no mesmo caso. Há pessoas com comprometimentos sociais, mas sem problemas comportamentais e há casos de disfunções comportamentais sem atraso de linguagem. Em todos eles aparecem, em maior ou menor grau, as dificuldades na interação social (SILVA, 2012, p. 42).

Para que se possa ter uma melhor compreensão do que é o autismo em seus vários graus os especialistas que pesquisam sobre o tema, dividem esse transtorno em categorias que se apresenta a seguir:

- **Traços do autismo com características muito leves:** essas pessoas não teriam todos os comprometimentos, mas apenas algumas dificuldades por apresentarem certas características autísticas. É muito comum percebermos esses traços em irmãos e pais de crianças com autismo. Muitos indivíduos ligados a informática e jogos eletrônicos apresentam características do espectro autista.
- **Síndrome de Asperger:** os indivíduos com síndrome de Asperger possuem um conjunto de sintomas de prejuízos na socialização. Mantêm-se solitários em suas atividades, têm dificuldade em compartilhar ideias e interesses, em entender o que o outro está sentindo ou pensando. Os interesses são restritos. Apresentam rotinas e rituais, inclusive no discurso, e formas peculiares de conversar. Às vezes parecem muito "certinhos", usam palavras incomuns para a idade. Mesmo com a fala preservada, a comunicação pode ser "estranha" por não entenderem frases de duplo sentido ou entrelinhas da conversa. Muitas vezes, perguntam coisas de que já sabem a resposta, como, por exemplo, "Que

horas o papai vai chegar?", sendo que eles mesmos respondem "Às sete horas". Usam as perguntas não como um diálogo para descobrir aquilo que não sabem; acham que a pergunta existe para ser respondida corretamente. As pessoas com essa síndrome não apresentam atraso no desenvolvimento da linguagem e nem retardo mental, mas podem apresentar dificuldades no aprendizado.

- **Autismo em pessoas com auto funcionamento:** nessa categoria estão os indivíduos que não apresentam déficits cognitivos, ou seja, retardo mental, mas que tiveram atraso na linguagem, diferentemente dos indivíduos com síndrome de Asperger. Apresentam ainda dificuldade de interação social, dificuldades comportamentais, como estereotípias, por exemplo. Possuem boa inteligência e utilizam seus recursos cognitivos para superar as dificuldades advindas do autismo. Na vida adulta, é muito comum os indivíduos de alto funcionamento com autismo serem confundidos com indivíduos com síndrome de Asperger e, na realidade, realmente apresentam um comportamento muito parecido. Por isso, o tratamento precoce dessas crianças pode fazer com que elas transitem dentro do espectro no sentido de alcançarem os sintomas mais brandos, quando tratadas corretamente.
- **Autismo clássico, grave, com retardo mental associado:** os indivíduos que se encaixam nessa categoria têm dificuldades de independência. Crianças com este diagnóstico geralmente apresentam grande dificuldade na interação social. Não fazem contato visual, não conseguem desenvolver relacionamentos apropriados e não tentam compartilhar interesses ou brincadeiras com as outras pessoas. Muitos acabam ficando isolados em seu cantinho e não desenvolvem a linguagem adequadamente. Podem ter grandes dificuldades em se comunicar, mesmo que seja para pedir coisas do seu interesse. Apresentam movimentos repetitivos como balançar o corpo e agitar as mãos. Podem necessitar de cuidados por toda a vida e cada habilidade deve ser treinada de maneira minuciosa, como nas áreas de higiene pessoal e autocuidados.

De acordo com Silva (2012), o autismo clássico é um problema de saúde grave que requer intervenção muito precoce e provavelmente por toda a vida como mostra a autora no relato abaixo:

Marisa foi uma garota muito esperada. Nasceu aos sete meses e precisou ficar quase um mês na incubadora. Desde pequena não gostava muito de contato físico e ficava irritada até para mamar. Os pais perceberam que ela nunca chorava, mas também não sorria. Não olhava nos olhos e nem acompanhava com o olhar os objetos que os pais mostravam. Com um ano de idade já andava normalmente, porém nas pontas dos pés. Em alguns momentos os pais tinham a sensação de que ela se "escondia" deles e ficava nos cantos da casa balançando o tronco. Nunca falou nenhuma palavra e, quando queria algo, usava seus pais como "ferramenta" pegando-os pelas mãos e levando-os até o que queria. Ao entrar na escola, com 3 anos, começou a apresentar crises de agitação e a se morder. A única coisa que a acalmava era ficar sentada na frente do ventilador. Teve grandes dificuldades para a retirada das fraldas e precisou de muito treino para utilizar o banheiro. Hoje, com 11 anos de idade, permanece em tratamento intensivo e aprendeu a se comunicar minimamente através de um sistema de troca de figuras (SILVA, 2012. p. 48).

Como pode-se observar, há uma variedade de graus em que é dividido o transtorno autista, pois vê-se que em alguns indivíduos, o autismo se manifesta de forma bem sutil, permitindo com que o mesmo tenha uma vida futura independente, ou seja, possa cuidar de si próprio, enquanto aqueles que estão dentro do quadro mais grave do transtorno vão sempre ser dependente de alguém, dificilmente vão ser pessoas independentes, capazes.

### **2.3 Características do autismo**

São muitas as características do transtorno autístico, Silva (2012), em seu livro “Mundo Singular: entenda o autismo”, destaca 39 (trinta e nove) características do autismo consideradas as mais comuns na população infantil, e estão divididas entre as três áreas mais prejudicadas que segundo a autora são elas:

#### **1. A disfunção social:**

- Dificuldade na qualidade da interação social. Geralmente crianças com autismo não conseguem ter uma interação social satisfatória ou estabelecer momentos de interação prolongada.
- Não conseguem estabelecer contato visual direto. Os pais estão sempre solicitando que elas olhem em seus olhos.
- Têm dificuldades de compartilhar momentos ou interesses com outras pessoas. Por exemplo: não mostram um presente novo espontaneamente, não apontam algo para que os pais possam ver, não fazem questão de se engajar em atividades em grupo.

- Falha na antecipação de posturas ou movimentos. As crianças não levantam os bracinhos quando os pais vão pegá-las no colo, por exemplo.
- Elas se divertem mais com objetos e animais e se interessam mais por eles do que por pessoas. Isso porque o objeto é algo concreto, de fácil entendimento; e os animais têm reações mais previsíveis, não apresentam tantas emoções e expressões faciais quanto os seres humanos, sendo mais fácil "decifrá-los".
- As crianças com autismo podem usar pais, cuidadores e pessoas do seu convívio íntimo como "instrumentos" ou "ferramentas" para demonstrar o que elas desejam. Por exemplo: pegam no braço da mãe e a levam até o filtro quando necessitam beber água. Para as que têm grande dificuldade de socialização, esse recurso é mais prático e dá menos trabalho.
- Risos inadequados ou inapropriados. As crianças com autismo podem dar risadas ou até mesmo gargalhadas sem motivo ou totalmente fora do contexto na tentativa de interagir com os demais.

## **2. Disfunção da comunicação:**

- Têm dificuldades no desenvolvimento da linguagem falada, sem que haja tentativas de compensar essa comunicação por meios alternativos, tais como gestos ou mímicas. Já as crianças que não apresentam prejuízos significativos na fala têm dificuldade em iniciar, manter ou terminar uma conversa adequada e com reciprocidade.
- Uso estereotipado e repetitivo da linguagem. Por exemplo, decoram frases de desenhos animados e as falam em momentos completamente fora do contexto ou repetem aquilo que lhes é perguntado (ecolalia).
- Dificuldade de se engajar em brincadeiras de faz de conta. As crianças não conseguem brincar de escolinha ou casinha, por exemplo, pois têm dificuldade de imaginar os papéis a serem representados.
- Inversão de pronomes. Elas podem falar na terceira pessoa, por exemplo, "você é linda", referindo-se a si própria. Ou, ainda, construírem a frase com excesso de pronomes: "Me dá meu pra mim a bola. É do Rodrigo", referindo-se a sua própria bola.

- Ingenuidade. Não conseguem avaliar segundas intenções e podem ser enganadas por pessoas maldosas.
- Dificuldade no entendimento de ironias. Muitas vezes não entendem piadas ou frases com duplo sentido.
- Crianças e até muitos adultos com autismo não são hábeis para mentir, dissimular, enganar ou falar palavras que não expressam a verdade. São extremamente sinceras e apresentam sérias dificuldades ou até mesmo impossibilidade de utilizar pequenas mentiras diplomáticas.
- Aprendem a ler e escrever sozinhas antes da fase de alfabetização (hiperlexia).

### **3. Disfunções comportamentais:**

- Têm interesses restritos, como conhecimento profundo sobre dinossauros, carros, trens, histórias em quadrinhos etc. Sempre de maneira muito aprofundada e detalhista.
- Apego à rotina. Tendências a fazerem as coisas sempre do mesmo jeito, independente de ser a maneira mais funcional ou não. Também demonstram manias.
- Movimentos estereotipados e repetitivos, por exemplo, balançar o corpo, bater palmas, agitar ou torcer as mãos ou dedos, e dar pulinhos.
- Valorização da parte pelo todo. Muitas vezes o detalhe vale mais do que o conjunto.
- Hipersensibilidade ao toque. Geralmente não gostam de toque físico ou se sentem incomodados com isso.
- Tendem a ficar se movimentando o tempo todo (hipercinesia).
- Andar nas pontas dos pés. Algumas crianças com autismo tendem a iniciar a marcha nas pontas dos pés ou agem assim quando estão eufóricas ou ansiosas.
- Medo de mudanças. Estruturam as coisas de uma maneira fixa e ficam angustiadas e ansiosas com uma simples mudança de lugar dos móveis, ou em suas rotinas.

- Autoagressão. Algumas crianças podem se morder, se bater ou bater com o corpo ou a cabeça na parede, sem reclamar de dor.
- Estimulação vestibular (atividades que alteram o equilíbrio do corpo). Tendem a ficar atraídas por brincadeiras de giro ou balanço; por exemplo, giram com a cadeira repetidas vezes e levantam sem apresentar tontura.
- Gosto por água. A maioria das crianças com autismo é fascinada por água. Algumas não podem ver uma torneira que correm para abri-la.
- Aversão a barulhos altos, gritos ou fogos de artifício (fonofobia).
- Aversão à luz em excesso (fotofobia).
- Período curto de atenção. Tendem a se manter pouco tempo em uma atividade.
- Instabilidade de humor e afeto. Em determinado momento podem estar muito bem e terem uma crise de choro em seguida. Também podem alternar explosões de alegria e acessos de raiva, sem que ninguém consiga saber o motivo.
- Apresenta insônia, sono agitado ou trocam o dia pela noite.
- Possuem habilidades específicas, como, por exemplo, serem muito bons em cálculo mental, desenhos complexos, memória ou quebra-cabeças (mesmo que a figura esteja invertida).
- Gosto por música. Pela experiência, as crianças com autismo geralmente têm um fascínio especial por música. Não pela letra em si, mas sim pela melodia. De alguma forma, elas se sincronizam e captam, em parte, as modulações dos afetos e as sutilezas da complexidade humana (tristeza, alegria, serenidade). Observamos também que, por meio da música, tentam expressar e compartilhar o que sentem.
- Dificuldade nas atividades básicas da vida diária. Às vezes, não conseguem se limpar, tomar banho ou se trocar sozinhos.
- Pensamento concreto. Dificuldade de entender o sentido das coisas ou de palavras que não são palpáveis, por exemplo, "pensar", "sofrer", "tristeza".
- Dificuldade de coordenação motora fina, como, por exemplo, para recortar, pintar dentro dos espaços, escrever, dentre outros.
- Marcha rígida e desajeitada. Muitas vezes são vistas como "desengonçadas".
- Podem tolerar extremos de dor, fome e temperatura sem reclamar.

- Hábito de enfileirar ou empilhar coisas. Muitas vezes passam horas engajadas em uma simples brincadeira de empilhar caixas ou enfileirar carrinhos.

## **2.4 Critérios para diagnóstico**

De acordo com os especialistas nesse tema, ainda não é possível fazer o diagnóstico através de uma avaliação genética, uma vez que os genes do autismo não foram completamente identificados. Dessa forma, o diagnóstico do autismo é basicamente clínico, por meio do histórico do paciente e observação do comportamento.

O principal instrumento para o diagnóstico é o conhecimento dos critérios, dos sintomas e dos detalhes que podem resultar em sinais do transtorno do espectro autista. A observação da criança, o relato dos pais e de outras pessoas que convivem com ela, como babás e professores, são fundamentais para a coleta de informações.

Atualmente um dos documentos mais utilizados para se realizar o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA), é o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM - V), que é um manual elaborado justamente para servir de referência para os profissionais da área da saúde, principalmente quando se fala dos transtornos mentais.

## **2.5 Critérios Diagnósticos para Transtorno Autista - DSM-IV-TR (299.00)**

A seguir serão apresentados os critérios que devem ser observados com bastante atenção para que se possa dar um diagnóstico mais preciso do transtorno do espectro autista. De acordo com Silva (2012), para que o diagnóstico seja realizado com êxito, é fundamental que o profissional tenha bastante experiência no assunto e que entenda profundamente sobre comportamentos infantis de forma geral. Além desses instrumentos, ele precisa estar muito atento à história de vida do paciente, que deve começar antes mesmo de a criança nascer. É preciso que o indivíduo apresente pelo menos:

- a) Um total de seis (ou mais) itens de (1), (2) e (3), com pelo menos dois de (1), um de (2) e um de (3):
  1. Comprometimento qualitativo da interação social, manifestado por pelo menos dois dos seguintes aspectos:

- Comprometimento acentuado no uso de múltiplos comportamentos não verbais, tais como: contato visual, expressão facial, posturas corporais e gestos para regular a interação social.
  - Fracasso em desenvolver relacionamentos apropriados com seus pares ao nível de desenvolvimento.
  - Ausência de tentativas espontâneas de compartilhar prazer, interesses ou realizações com outras pessoas (por exemplo, não mostrar, trazer ou apontar objetos de interesse).
  - Ausência de reciprocidade social ou emocional.
2. Comprometimento qualitativo da comunicação, manifestado por pelo menos um dos seguintes aspectos:
- Atraso ou ausência total de desenvolvimento da linguagem falada (não acompanhado por uma tentativa de compensar por meio de modos alternativos de comunicação, tais como gestos ou mímica).
  - Em indivíduos com fala adequada, acentuado comprometimento da capacidade de iniciar ou manter uma conversa.
  - Uso estereotipado e repetitivo da linguagem ou linguagem idiossincrática.
  - Ausência de jogos ou brincadeiras de imitação social variada e espontânea próprios do nível de desenvolvimento.
3. Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades, manifestados por pelo menos um dos seguintes aspectos:
- Preocupação insistente com um ou mais padrões estereotipados e restritos de interesse, anormais em intensidade ou foco.
  - Adesão aparentemente inflexível a rotinas ou rituais específicos e não funcionais.
  - Maneirismos motores estereotipados e repetitivos (por exemplo, agitar ou torcer as mãos ou dedos, ou movimentos complexos de todo o corpo).
  - Preocupação persistente com partes de objetos.
4. Atrasos ou funcionamento anormal em pelo menos uma das seguintes áreas, com início antes dos 03 (três) anos de idade:

- (1) interação social,
- (2) linguagem para fins de comunicação social ou,
- (3) jogos imaginativos ou simbólicos.

5. A perturbação não é mais bem explicada por Transtorno de Rett ou Transtorno Desintegrativo da Infância.

De acordo com o DSM-V, Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais, em sua versão atual diz que o transtorno do espectro autista se encontra dividido em níveis de gravidade como mostra a tabela abaixo:

**Tabela 01:** Níveis de gravidade para transtorno do espectro autista.

NÍVEL DE GRAVIDADE	COMUNICAÇÃO SOCIAL	COMPORTAMENTOS RESTRITOS E REPETITIVOS
<p>Nível 03 "Exigindo apoio muito substancial"</p>	<p>Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa com fala inteligível de poucas palavras que raramente inicia as interações e, quando o faz, tem abordagens incomuns apenas para satisfazer a necessidades e reage somente a abordagens sociais muito diretas.</p>	<p>Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.</p>
<p>Nível 02 "Exigindo apoio substancial"</p>	<p>Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa que fala frases simples, cuja interação se limita a interesses especiais reduzidos e que apresenta comunicação não verbal acentuadamente estranha.</p>	<p>Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações</p>
<p>Nível 01 "Exigindo apoio"</p>	<p>Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar</p>	<p>Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e</p>

	interesse reduzido por interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que consegue falar frases completas e envolver-se na comunicação, embora apresente falhas na conversação com os outros e cujas tentativas de fazer amizades são estranhas e comumente malsucedidas.	planejamento são obstáculos à independência.
--	--	--

**Fonte:** AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM 5.** Tradução de Maria Inês Correa Nascimento et al; revisão técnica Aristides Volpato Cordiolo. 5ª. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2014.

Segundo o Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais – DSM V, na sua 5ª versão diz que: o transtorno do espectro autista não é um transtorno degenerativo, sendo comum que aprendizagem e compensação continuem ao longo da vida. Os sintomas são frequentemente mais acentuados na primeira infância e nos primeiros anos da vida escolar, com ganhos no desenvolvimento sendo frequentes no fim da infância pelo menos em certas áreas (por exemplo, aumento no interesse por interações sociais). Uma pequena proporção de indivíduos apresenta desgaste comportamental na adolescência, enquanto a maioria dos outros melhoram. Apenas uma minoria de indivíduos com transtorno do espectro autista vive e trabalha de forma independente na fase adulta, aqueles que o fazem, tendem a ter linguagem e capacidades intelectuais superiores, conseguindo encontrar um nicho que combine com seus interesses e habilidades especiais.

Silva (2012) exibe a afirmativa acima no trecho a seguir:

Gilberto, um jovem nascido em uma região periférica de São Paulo, com poucos recursos, recebeu o diagnóstico de autismo aos 7 anos. Durante toda sua vida foi tratado em serviços públicos e conseguiu ganhar a simpatia das pessoas com quem se relacionava. Apesar de sua dificuldade de socialização e de seus hábitos um pouco estranhos, como o de falar sozinho, Gilberto se mostrou brilhante em computadores. [...]. Aos 18 anos, surgiu sua primeira entrevista de trabalho. Foi para a entrevista acompanhado de sua mãe e da terapeuta ocupacional. Tratava-se de uma empresa de tecnologia de informação. As habilidades de Gilberto saltaram à vista do dono da empresa, um jovem empresário que sempre teve a mente aberta para novas experiências. Gilberto tinha uma habilidade incrível e se tornou cada vez mais importante na empresa. [...] A sua visão profunda da tecnologia propiciou uma revolução nos sistemas de muitas empresas e trouxe muitos ganhos para ele próprio e para os outros ao seu redor. Em 2011, Gilberto foi eleito o funcionário do ano (SILVA, 2012, p. 46).

Ao olhar o depoimento acima citado pela autora, sobre um jovem com espectro autista, pode-se perceber que as pessoas com autismo podem sim trabalhar e ter uma vida normal dependendo do grau de autismo em que elas se encontram, e desde que

sejam diagnosticadas sobre o transtorno precocemente para que possam receber os cuidados necessários o quanto antes e levar uma vida com independência.

Silva (2012) em seu livro intitulado “*Mundo Singular: entenda o autismo*” cita algumas personalidades com Transtorno do Espectro Autista que conseguiram se superar dentro de suas peculiaridades, se tornar independentes e ter uma vida normal como qualquer pessoa, dentre elas: a emblemática norte-americana **Temple Grandin** com capacidade excepcional, professora, escritora e cientista em comportamento animal. Temple nasceu em 1947, em Boston (EUA), época em que o autismo era pouco conhecido e diagnosticado. Um exemplo brasileiro é **Saulo Laucas**, Tenor, pianista, cego e com autismo, nasceu em 4 de maio de 1984, no Rio de Janeiro. Aos 4 meses de vida foi diagnosticado cego, seguindo a orientação do médico, os pais imediatamente o encaminharam para o Instituto Benjamin Constant (IBC), onde recebeu educação precoce para deficientes visuais, o que foi essencial para o seu desenvolvimento. Mesmo com todas as dificuldades, Saulo diplomou-se no segundo grau, fez o curso Técnico de Canto Lírico da UFRJ, sendo aprovado com louvor, estuda musicografia e foi admitido no Coral das Bachianas Brasileiras — um dos mais conceituados do Brasil. Em agosto de 2011, Saulo lançou seu primeiro CD, cujo repertório inclui músicas líricas em vários idiomas: francês, italiano, alemão, português.

Silva (2012), diz que, tanto homens quanto mulheres correm o risco de não receber o diagnóstico correto, porque o autismo existe num espectro - desde características isoladas que não chegam a fechar um diagnóstico até o autismo grave, ou clássico, que é mais facilmente reconhecido. Isso pode confundir a população, que acaba só enxergando o autismo quando ele aparece num grau mais exacerbado.

Hoje, o conceito de "autismo infantil" se estendeu a uma patologia mais ampla do que aquela que foi descrita por Leo Kanner. Podemos encontrar "estados ou formas autistas" associados a outras patologias, tais como a epilepsia, paralisias cerebrais e síndromes genéticas, dentre outras. Isto torna o diagnóstico difícil e é muito frequente o autismo passar despercebido e ser confundido com outros quadros patológicos. Ainda não dispomos de instrumental diagnóstico confiável para este fim, e ficamos na dependência da experiência de profissionais especializados para sua identificação. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000, p. 10)

### **3 DA EXCLUSÃO A INCLUSÃO: O ESTUDANTE AUTISTA NA ESCOLA REGULAR**

Incluir é necessário, primordialmente para melhorar as condições da escola, de modo que nela se possam formar gerações mais preparadas para viver a vida na sua plenitude, livremente, sem preconceitos, sem barreiras. Não podemos contemporizar soluções, mesmo que o preço que tenhamos de pagar seja bem alto, pois nunca será tão alto quanto o resgate de uma vida escolar marginalizada, uma evasão, uma criança estigmatizada sem motivos (MANTOAN, 2003, p. 30).

#### **3.1 Aspectos gerais da inclusão**

A historicidade da inclusão evidencia que esta atravessou diferentes fases em diversas épocas e culturas. Segundo Correia (1999), apud (FRIAS e MENEZES, 2009), a Idade Antiga, na Grécia é considerada um período de grande exclusão social, pois crianças nascidas com alguma deficiência eram abandonadas ou mesmo eliminadas, sem chance ou direito ao convívio social.

Na Idade Média, pessoas com deficiência eram também marginalizadas, até por questões sobrenaturais, rotuladas como inválidas, perseguidas e mortas. Assim, muitas vezes as famílias preferiam escondê-las e assim, privá-las da vida comunitária e social. A ideia de promover aos filhos, qualquer tipo de intervenção em ambientes diferenciados não era uma prática comum.

Conforme Jannuzzi (2004), apud (FRIAS e MENEZES, 2009), no Brasil por volta do século XVIII, o atendimento aos deficientes restringia-se aos sistemas de abrigos e à distribuição de alimentos, nas Santas Casas, salvo algumas exceções de crianças que até participavam de algumas instruções com outras crianças ditas normais.

No século XX, a questão educacional foi se configurando, mais pela concepção médico-pedagógica, sendo mais centrada nas causas biológicas da deficiência. Com o avanço da psicologia, novas teorias de aprendizagem começam a influenciar a educação e configuram a concepção na linha psicopedagógica, que ressalta a importância da escola e enfatiza os métodos e as técnicas de ensino. Por volta da década de 1990 e início do século XXI, avançam os estudos em Educação Especial no Brasil (MAZZOTTA, 2005 apud FRIAS E MENEZES, 2009).

Sasaki (2006), apud (FRIAS e MENEZES, 2009) ao explicar sobre o processo de inclusão/integração educacional situa quatro fases que ocorreram ao longo do desenvolvimento da história da inclusão:

- a) **Fase de Exclusão:** período em que não havia nenhuma preocupação ou atenção especial com as pessoas deficientes ou com necessidades especiais. Eram rejeitadas e ignoradas pela sociedade.
- b) **Fase da Segregação Institucional:** neste período, as pessoas com necessidades especiais eram afastadas de suas famílias e recebiam atendimentos em instituições religiosas ou filantrópicas. Foi nessa fase que surgiram as primeiras escolas especiais e centros de reabilitação.
- c) **Fase da Integração:** algumas pessoas com necessidades especiais eram encaminhadas às escolas regulares, classes especiais e salas de recursos, após, passarem por testes de inteligência. Os estudantes eram preparados para adaptar-se à sociedade.
- d) **Fase de Inclusão:** todas as pessoas com necessidades especiais devem ser inseridas em classes comuns, sendo que os ambientes físicos e os procedimentos educativos é que devem ser adaptados aos estudantes, conforme suas necessidades e especificidades.

### 3.2 Incluir ou Integrar?

São termos que ainda deixam muitas dúvidas sobre suas definições, e que muitos professores ainda ficam confusos com relação a esses termos, que se verá com mais detalhes mais adiante.

Nas últimas décadas tem se abordado muito sobre essa questão do processo de inclusão, principalmente quando se trata da inclusão escolar, e a cada dia a discussão sobre essa temática vem ganhando cada vez mais força. Falar de inclusão é sempre uma questão muito polêmica, principalmente quando se trata de crianças com qualquer tipo de deficiência e em particular aquelas com o diagnóstico de autismo, um transtorno que tem vários espectros, fazendo com que a inclusão dessa criança se torne muito mais difícil devido as suas variações que esse transtorno se apresenta, ou seja, sua severidade de graus que vai desde traços leves até o mais severo.

Segundo Grandin e Scariano (1999), uma criança com espectro autista de auto funcionamento dá uma visão clara sobre essa severidade quando descreve que:

O autismo é um distúrbio do desenvolvimento. Uma deficiência nos sistemas que processam a informação sensorial recebida fazendo a criança reagir a

alguns estímulos de maneira excessiva, enquanto a outros reage debilmente. Muitas vezes, a criança se “ausenta” do ambiente que a cerca e das pessoas circunstantes a fim de bloquear os estímulos externos que lhe parecem avassaladores. O autismo é uma anomalia da infância que isola a criança de relações interpessoais. Ela deixa de explorar o mundo à sua volta, permanecendo em vez disso em seu universo interior (GRANDIN e SCARIANO, 1999, p.18 apud PRAÇA, 2011, p. 25).

A inclusão de crianças com necessidades especiais, seja ela escolar ou social, tem sido tema frequente de vários trabalhos de pesquisas desenvolvidos por vários autores que se propõe a falar dessa temática inclusão, como exemplo, tem-se Mantoan (2003) que está sempre abordando sobre essa questão.

Mantoan (2003), em seu livro *Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* ressalta que o processo de integração escolar tem sido entendido de diversas maneiras. O uso do vocábulo “integração” refere-se mais especificamente à inserção de estudantes com deficiência nas escolas comuns, mas seu emprego dá-se também para designar estudantes agrupados em escolas especiais para pessoas com deficiência, ou mesmo em classes especiais, grupos de lazer ou residências para deficientes. A mesma autora diz que:

Nas situações de integração escolar, nem todos os alunos com deficiência cabem nas turmas de ensino regular, pois há uma seleção prévia dos que estão aptos à inserção. Para esses casos, são indicados: a individualização dos programas escolares, currículos adaptados, avaliações especiais, redução dos objetivos educacionais para compensar as dificuldades de aprender. Em suma: a escola não muda como um todo, mas os alunos têm de mudar para se adaptarem às suas exigências (MANTOAN, 2003, p. 15-16).

Para Mantoan (2003), a integração escolar pode ser entendida como o “especial na educação”, ou seja, a justaposição do ensino especial ao regular, ocasionando um inchaço desta modalidade, pelo deslocamento de profissionais, recursos, métodos e técnicas da educação especial às escolas regulares.

Enquanto à inclusão, esta questiona não somente as políticas e a organização da educação especial e da regular, mas também o próprio conceito de integração. Ela é incompatível com a integração, pois prevê a inserção escolar de forma radical, completa e sistemática. Todos os estudantes, sem exceção, devem frequentar as salas de aula do ensino regular.

Para maior clareza a autora pontua que:

O objetivo da integração é inserir um aluno, ou um grupo de alunos, que já foi anteriormente excluído, e o mote da inclusão, ao contrário, é o de não deixar ninguém no exterior do ensino regular, desde o começo da vida escolar. As

escolas inclusivas propõem um modo de organização do sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e que é estruturado em função dessas necessidades (MANTOAN, 2003, p. 16).

Como pode-se observar, há uma diferença entre a integração e a inclusão, Serra (2004) esclarece bem essa diferença entre esses dois termos ao colocar que:

a integração insere o sujeito na escola esperando uma adaptação deste ao ambiente escolar já estruturado, enquanto que a inclusão escolar implica em redimensionamento de estruturas físicas da escola, de atitudes e percepções dos educadores, adaptações curriculares, dentre outros . A inclusão num sentido mais amplo significa o direito ao exercício da cidadania (SERRA, 2004, p.27 apud PRAÇA, 2011, p.38).

Ou seja: na integração é o estudante que tem de se adaptar ao ambiente escolar, enquanto que na inclusão é a escola que tem de adaptar-se a este, conforme suas necessidades.

Lira (2004) apud Praça (2011), descreve a inclusão como um movimento que surgiu para suprir as falhas que a integração deixava:

A partir dos anos 90, a proposta da Integração passa a ceder lugar para a proposta da Educação Inclusiva, que consiste num movimento mundial, que preconiza o acesso de todos ao ensino regular, cujo desafio é prover um ensino capaz de atender a demanda específica de cada aluno, independentemente da necessidade que apresentar. (LIRA, 2004, p. 22 apud PRAÇA, 2011, p. 38).

Por tudo isso, a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas o alunado com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral. Os discentes com deficiência constituem uma grande preocupação para os educadores inclusivos. Todos sabem, porém, que a maioria dos que fracassam na escola são estudantes que não vêm do ensino especial, mas que possivelmente acabarão nele! (MANTOAN, 2003).

### **3.3 - Das escolas regulares**

Pode-se observar que as escolas de ensino regular vêm enfrentando um verdadeiro confronto com os obstáculos que surgem todos os dias, impossibilitando a inclusão do estudante com deficiência no contexto escolar, devido à falta de preparo das mesmas tanto no que se refere ao espaço físico como com o corpo docente que em sua maioria não se encontra preparado para receber essas crianças que necessitam de uma atenção mais individualizada.

O processo de inclusão em educação constitui um paradigma educacional que se fundamenta na concepção de direitos humanos, que busca articular igualdade e diferença como valores indissociáveis. Esse processo reconhece as dificuldades existentes nos sistemas de ensino e busca criar alternativas para superá-las, ou seja, implica uma mudança estrutural e cultural da escola para que todos os discentes tenham suas necessidades atendidas e participação garantida no processo de ensino-aprendizagem.

Vale lembrar que isto não significa, de modo algum, desobrigar o Estado de suas responsabilidades com a Educação e simplesmente transferi-las para as escolas. “No contexto da inclusão em educação, a Política Nacional tem como objetivo o acesso, a participação e a aprendizagem dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares” (SANTIAGO; COSTA; GALVÃO; SANTOS, 2013, p. 461 apud, GALVÃO, 2014, p. 20).

Incluir pessoas com deficiência ou em situação de deficiência na escola regular pressupõe uma grande reforma no sistema educacional. Isto implica na flexibilização ou adequação do currículo, com modificação das formas de ensino, metodologias e avaliação, como também no desenvolvimento de trabalhos em grupos na sala de aula e na criação e adequação de estruturas físicas que facilitem o ingresso e a movimentação de todas as pessoas.

É um desafio, fazer com que a Inclusão ocorra, sem perder de vista que além das oportunidades, deve-se garantir não só o desenvolvimento da aprendizagem, bem como, o desenvolvimento integral do indivíduo com deficiência ou em situação de deficiência. (FRIAS e MENEZES, 2009).

A Declaração de Salamanca um dos documentos norteadores sobre inclusão elaborada na Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade, promovida pelo governo da Espanha e pela UNESCO, entre os dias 7-10 de 1994, proclama que:

- cada criança tem o direito fundamental à educação e deve ter a oportunidade de conseguir e manter um nível aceitável de aprendizagem;
- cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias;
- os sistemas de educação devem ser planejados e os programas educativos implementados tendo em vista a vasta diversidade destas características e necessidades;

- as crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas se devem adequar através duma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro destas necessidades;
  - as escolas regulares, seguindo esta orientação inclusiva, constituem os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias, criando comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos; além disso, proporcionam uma educação adequada à maioria das crianças e promovem a eficiência, numa óptima relação custo-qualidade, de todo o sistema educativo.
- (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p. 08-09).

### 3.4 - O estudante com espectro autista em sala de aula

De acordo com a Cartilha de Direito das Pessoas com Autismo (2011), o atendimento educacional especializado às pessoas com autismo deve ser, de preferência, na rede regular de ensino. Porém, não são todas as crianças e adolescentes com espectro autista que se beneficiam do ensino em salas comuns de escolas regulares. Cada caso deve ser analisado individualmente pela equipe pedagógica e de saúde que acompanha a criança ou o adolescente.

A inclusão de crianças com autismo em sala de aula regular prevista em lei assegura ao aluno o direito do acesso ao ensino, ficando à escolha dos pais matricularem ou não os filhos em escolas regulares. Para que a instituição de ensino promova inicialmente o desenvolvimento e, posteriormente, a aprendizagem é necessária que ela disponha de uma prática pedagógica coletiva na qual seja esclarecida a importância do envolvimento familiar com a escola, além de mudanças de caráter estrutural e metodológico, privilegiando um currículo que se adequa também às necessidades da criança. (DOWN, 2014, p.3 apud NOGUEIRA, 2014, p. 28)

Alguns se adaptam bem à inclusão em escolas regulares, porém em salas menores, com suporte, ou até em salas especiais. Algumas crianças e adolescentes com espectro autista, geralmente, com outras deficiências associadas, se adaptam melhor às escolas especiais. Depende das características individuais de cada um, do momento de vida e de desenvolvimento no qual está.

Cunha (2013) apud (SILVA, 2015) ressalta que para aprendizagem do estudante com espectro autista, o professor precisa se atentar aos detalhes, a fim de conseguir propor estratégias pedagógicas para o ensino e, trabalhando de forma lúdica com esse estudante obterá resultados significantes no desenvolvimento do mesmo.

No caso do estudante com espectro autista, o professor pode utilizar diversas estratégias pedagógicas para desenvolver sua aprendizagem. Algumas atividades desenvolvem a cognição, comunicação, linguagem, socialização, concentração e

desenvolvimento motor. Dentre as estratégias o professor pode utilizar-se de atividades tais como: o uso das novas tecnologias, livros, jogos individuais e coletivos, música, pintura, desenho, atividades com temas do cotidiano, blocos lógicos, encaixe geométricos, atividades que estimule o raciocínio lógico-matemático, esportivos, sensoriais e motores, atividades que explorem outras áreas do conhecimento (CUNHA, 2013, apud SILVA, 2015).

Como se observa, é de fundamental importância um atendimento educacional individualizado a criança com espectro autista, para que a mesma tenha um melhor rendimento escolar e também um bom desenvolvimento na socialização com outras crianças nesse processo de inclusão em uma sala de aula regular.

Como apresenta Silva (2012) no trecho descrito abaixo:

Para crianças com autismo clássico, isto é, aquelas crianças que tem maiores dificuldades de socialização, comprometimento na linguagem e comportamentos repetitivos, fica clara a necessidade de atenção individualizada. Essas crianças já começam sua vida escolar com diagnóstico, e as estratégias individualizadas vão surgindo naturalmente. Muitas vezes, elas apresentam atraso mental e, com isso, não conseguem acompanhar a demanda pedagógica como as outras crianças. Para essas crianças serão necessários acompanhamentos educacionais especializados e individualizados (SILVA, 2012, p. 75).

Más, o que se pode observar, no dia a dia, nas escolas ditas regulares, é que nem sempre isso acontece, o atendimento individualizado, pois a maioria dessas escolas não tem estruturas adequadas para receber esses alunos que precisam de uma atenção maior, e os professores em sua maioria não se encontram preparados para lidar com as peculiaridades dessas crianças, que chegam nas escolas regulares como aluno da educação inclusiva.

Silva (2012) em seu livro intitulado “*Mundo Singular: entenda o autismo*” expõe o depoimento da mãe de uma criança diagnosticada com autismo, onde fica bem claro a falta de preparo de algumas escolas que se propõe a receber essas crianças e dos professores na hora de lidar com estudantes que requerem uma atenção maior.

Veja no relato abaixo um exemplo claro desse despreparo que a maioria das escolas apresentam:

Mariana recebeu o diagnóstico de autismo aos 5 anos. Até esse momento, não tinha desenvolvido uma fala compreensível, e apresentava crises de birra com grande agitação. Sua mãe resolveu colocá-la em uma escola de São Paulo que se dizia uma escola de inclusão. Já nas primeiras semanas de aula, a mãe foi chamada pela professora, que relatou que Mariana não participava das brincadeiras de roda, não aceitava dar a mão para os coleguinhas e não se engajava nas atividades, só queria brincar sozinha com

Lego. Toda vez que tentavam tirar o brinquedo da garota vinha uma crise de choro interminável. A mãe, preocupada, contou o fato para a equipe multidisciplinar que cuidava da menina. A psicóloga foi até a escola e fez uma série de orientações, como redirecionamento de atividades, extinção de birra e medidas psicopedagógicas. Após essa intervenção, não houve mais reclamações e, por alguns meses, tudo parecia correr bem. Numa festinha de aniversário, um dos coleguinhos de Mariana perguntou para a mãe da menina por que ela passava o tempo todo apenas brincando de Lego. Nesse momento, a mãe percebeu que o fato de não ocorrerem novas reclamações não se devia à boa evolução de sua filha, mas ao fato de deixarem-na fazer o que quisesse, ou seja, brincar com Lego o tempo todo para não causar problemas. Ela foi até a escola e notou que os professores não sabiam nem descrever o que sua filha fazia. Enquanto as outras crianças tinham pastas de atividades, Mariana ainda não tinha nenhum conteúdo. A equipe se reuniu e propôs novas intervenções. No entanto, mais uma vez, a menina voltou a "dar trabalho". A coordenadora, então, informou que Mariana parecia muito cansada e sugeriu que frequentasse a aula só dois dias da semana, já que era final de ano. A mãe percebeu que aqueles profissionais não tinham preparo ou instrumentos para a verdadeira inclusão e resolveu mudá-la de escola (SILVA, 2012, p. 164).

Ensinar uma criança com espectro autista faz com que o professor necessite rever os seus conceitos de educação, métodos de ensino, recursos didáticos e sua postura. Estes fatores podem deixar o educador inseguro. O primeiro contato docente-discente é difícil por se tratar de uma criança desconhecida e imprevisível. Ao ensinar essa criança, "pretende-se desenvolver ao máximo suas habilidades e competências", buscando a socialização da mesma com as pessoas (BEREOHFF, 1993, p. 15 apud SILVA, 2015, p. 31).

De acordo com o que diz Silva (2012):

A inclusão é uma política que busca perceber e atender as necessidades educativas especiais de todos os alunos em sala de aula comuns, em um sistema regular de ensino, de forma a promover a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal de todos. Na proposta de educação inclusiva, todos devem ter a possibilidade de integrar-se a um ensino regular, mesmo aquelas com deficiências ou transtornos do comportamento sem defasagem de idade em relação à série. A escola, portanto, deveria adaptar-se às necessidades individuais desses alunos, requerendo mudanças significativas na estrutura e no funcionamento das instituições de ensino, nas formações dos professores e nas relações família-escola (SILVA, 2012, p. 163).

É preciso repensar a formação de professores especializados, a fim de que estes sejam capazes de trabalhar em diferentes situações e possam assumir um papel-chave nos programas de inclusão. Deve ser adotada uma formação inicial não categorizada, abrangendo todos os tipos de deficiência, antes de se enveredar por uma formação especializada numa ou em mais áreas relativas às deficiências específicas (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994).

A mesma Declaração em sua sessão sobre novas concepções sobre necessidades educativas especiais nos diz que:

O princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respectivas comunidades. É preciso, portanto, um conjunto de apoios e de serviços para satisfazer o conjunto de necessidades especiais dentro da escola (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994. p. 11-12).

Mas, no entanto, o que pode se observar é que nem sempre o que é pregado teoricamente vai se concretizar, ou seja, na maioria das vezes a tal da prática inclusiva fica mesmo só no papel, porque o que se nota é a exclusão presente em muitas escolas que se dizem inclusivas.

As escolas acolhem esses alunos, acreditando incluí-los, mas, muitas vezes, acabam por excluí-los, pois se deparam com extremas dificuldades para interagir no processo ensino e aprendizagem frente às diferenciadas características do aluno com deficiência mental. Fica demonstrado, então, que sob o manto da tão discutida e debatida falta de formação anunciada por todos os professores, o que se percebe ainda, é a evidência de rótulos e estigmas fortemente arraigados no imaginário social de cada profissional, ou seja, o preconceito como construção social (SILVA, 2007, p. 159 apud PRAÇA 2011, p. 62).

A Declaração de Salamanca traz uma questão muito interessante quando menciona que é a preparação adequada de todo o pessoal educativo que constitui o fator-chave na promoção das escolas inclusivas. E que para, além disso, reconhece-se, cada vez mais, a importância do recrutamento de professores com deficiência que possam servir de modelo para as crianças deficientes (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994).

De acordo com Orrú (2003), a autora acredita que, para promover a educação à pessoa com espectro autista, é preciso, antes de tudo, promover transformação na vida pessoal e profissional do educador como forma de inovar o processo educativo junto ao estudante com espectro autista. Para tanto, parte-se de três categorias com o fim de enriquecer o processo pelo qual se dá o conhecimento científico da prática docente. São elas: a reflexão na ação do educador, a conscientização do que seja a profissão docente e a inovação como resulta das práticas investigativas (ORRÚ, 2003).

### 3.5 - Da formação do professor

Sabe-se que a educação é de suma importância para o bom desenvolvimento do indivíduo para que o mesmo possa exercer conscientemente e com autonomia e liberdade o seu papel de cidadão perante a sociedade.

A Constituição de 1988, em seu Capítulo III, sessão I. Art. 205, diz que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (CONSTITUIÇÃO, 1988, p. 160).

Mas, compreende-se que para a criança ter uma boa educação, um ensino de qualidade que vai possibilitar a ela construir o seu próprio percurso pessoal, principalmente aquelas crianças com alguma deficiência que necessitam de um atendimento educacional especializado, é preciso que se tenha professores bem preparados e para que isso aconteça é importante que se tenha um maior investimento na formação de profissionais mais qualificados.

Sobre a formação de professores, Nóvoa (2015), um dos principais educadores da educação contemporânea pontua que:

Tem de haver mudanças profundas na formação de professores. Na formação inicial, aproximando mais a universidade das escolas e das culturas profissionais, para que haja uma fertilização mútua entre a teoria e a prática. Na formação contínua, recusando formações por catálogo de cursos e instaurando processos de colegialidade e de cooperação nas escolas, em torno do trabalho pedagógico. Ser educador é assumir também uma responsabilidade perante a nossa própria formação e perante a formação dos nossos colegas (NÓVOA, 2015).

As universidades podem desempenhar um importante papel consultivo no desenvolvimento da educação das pessoas com deficiência ou em situação de deficiência, em particular no que respeita à investigação, avaliação formação de formadores, elaboração de programas de formação e produção de materiais. Deve ser promovida cooperação entre universidades e instituições de Educação Superior, nos países desenvolvidos e em desenvolvimento. Esta ligação entre a investigação e a formação é de enorme importância, sendo igualmente importante envolver pessoas com deficiência nesta investigação e formação, a fim de assegurar que as suas perspectivas sejam plenamente reconhecidas (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994).

Conhece-se que a formação dos profissionais da educação é uma tarefa, sem dúvida, essencial e de fundamental importância para a melhoria do processo de ensino e para o enfrentamento das diferentes situações que implicam a tarefa árdua que é a de educar com qualidade respeitando os limites de cada ser.

De acordo com o Documento subsidiário à Política de Inclusão, produzido pelo Ministério da Educação (2005), uma das dificuldades encontradas na formação dos educadores, no estudo de alguns fundamentos teóricos para o trabalho com estudantes com deficiência, é o amplo leque de realidades socioculturais existentes em nosso país.

Para atender esta demanda tão diversa, o material dirigido à formação tem se proposto oferecer uma linguagem suficientemente abrangente para ser acessível a todos. Porém, em alguns casos, se observa a excessiva simplificação dos conteúdos propostos, aliada a uma superficialidade que se distancia das situações problemáticas concretas de cada realidade. O mesmo documento afirma que é comum encontrar materiais dirigidos aos professores que apostam na informação como eixo central da sua formação.

A apropriação de alguns conceitos é fundamental, contudo é necessário articular esses conceitos com as situações vividas em cada realidade escolar e na experiência de cada profissional da educação. Este trabalho de articulação é um processo cotidiano e sistemático. Não acontece de uma vez por todas, podendo se dar somente através da análise da vivência de cada profissional em seu fazer diário. Caso não se leve em conta o caráter processual da formação desses profissionais, corre-se o risco de desprezar o conhecimento e a experiência prévia que cada um traz consigo (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2005).

Ainda de acordo com o documento subsidiário a Política de Inclusão, o mesmo destaca que:

A formação do professor deve ser um processo contínuo que perpassa sua prática com os alunos, a partir do trabalho transdisciplinar com uma equipe permanente de apoio. É fundamental considerar e valorizar o saber de todos os profissionais da educação no processo de inclusão. Não se trata apenas de incluir um aluno, mas de repensar os contornos da escola e a que tipo de Educação estes profissionais têm se dedicado. Trata-se de desencadear um processo coletivo que busque compreender os motivos pelos quais muitas crianças e adolescentes também não conseguem encontrar um “lugar” na escola (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2005, p. 21)

Tal como se encontra hoje em dia, fica claro que a formação do educador não se dá de um dia para o outro. Ela é um processo contínuo e não acabado que perpetua

mesmo após a sua passagem pela academia. Portanto, os conhecimentos que são construídos e internalizados durante a formação acadêmica; as práticas reflexivas; o diálogo aberto com os colegas da mesma profissão ou de outras áreas profissionais; a troca de experiências vivenciadas; o abrirem-se à criatividade; as leituras e estudos complementares; a transformação consciente de si própria e de suas ações; a sede pelo saber; a humildade para aprender com todos; o respeito pelo ser humano e o compromisso com a escolha; função e ação da profissão docente é que constituem o educador num processo generoso da vida humana; capaz de modificar-se; provocar modificações no outro; modificar o próprio ambiente e, assim, modificar as estruturas de um país (ORRU, 2003).

## 4. PESQUISA DE CAMPO

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência (NÓVOA, 1991, p. 25).

Neste capítulo será apresentada a segunda parte do trabalho, que é uma pesquisa realizada com alunos de Cursos de Licenciatura na área da Educação oferecidos por Instituições de Ensino Superior da cidade de Bacabal/MA.

### 4.1 - Metodologia

Para a realização dessa pesquisa utilizou-se um questionário composto de 09 (nove) perguntas com a finalidade de averiguar o nível de conhecimento dos futuros professores sobre o TEA – Transtorno do Espectro Autista e se os mesmos se sentem preparados para trabalhar com crianças com deficiência, e em especial as que tenham autismo. A aplicação do questionário foi feita com alunos do oitavo período dos Cursos de Licenciatura em Biologia, Física, Letras, Pedagogia e Sociologia de duas Instituições Públicas, onde cada voluntário assinou o termo de comprometimento e respondeu ao questionário de acordo com seus conhecimentos e vivências sobre o Transtorno do Espectro Autista e a Inclusão dessas crianças na sala regular de ensino.

### 4.2 - Identificação dos sujeitos da pesquisa

Os sujeitos que participaram dessa pesquisa foram alunos de cinco cursos de Licenciatura na área de formação docente, cada um representando um curso. Para uma melhor compreensão acerca dos dados dos participantes da pesquisa, os mesmos serão representados na tabela a seguir.

**TABELA 02 – Identificação dos participantes**

SUJEITOS	FAIXA ETÁRIA DE IDADE	GÊNERO	CURSO DE FORMAÇÃO	PERÍODO
A	21 a 30	Feminino	Biologia	8º
B	21 a 30	Masculino	Física	8º
C	21 a 30	Feminino	Letras	Graduada
D	21 a 30	Feminino	Pedagogia	Graduada
E	21 a 30	Feminino	Sociologia	8º

**Fonte:** A autora (2018).

Assim sendo, a identidade dos participantes da pesquisa fica preservada, garantindo o anonimato dos mesmos.

Segundo Gil (2002, p.132, apud SILVA 2015, p. 52) “a análise dos documentos obtidos não deve ser conduzida a ponto de possibilitar a identificação dos respondentes. Se as pessoas forem prevenidas de que sua identidade será preservada, deverão de fato permanecer anônimas”. Portanto, os sujeitos serão representados pelas letras A até a letra E do alfabeto.

### 4.3 - Apresentação e discussão dos resultados

A seguir serão apresentados os resultados dos dados coletados a partir de um questionário aplicado com os participantes da pesquisa que traz a fala dos mesmos. Para delimitar-se a apresentação e análise da pesquisa, optou-se por organizar as respostas identificando-as por sujeito A, B, C, D, E, como mostra a tabela acima, comentando-as em seguida.

A questão número 1, foi feita com o intuito de saber dos graduandos se os mesmos tiveram no decorrer de seu Curso de Formação disciplinas que os preparasse para trabalhar a inclusão de alunos com deficiência no contexto educacional.

1. Na grade curricular de seu curso há ou teve alguma disciplina específica voltada para a temática educação especial/inclusiva?
--

Nessa questão, os sujeitos A, B, e D destacaram que tiveram sim disciplina com a temática inclusão, enquanto que os sujeitos C e E disseram não terem tido nenhuma disciplina que abordasse a temática em questão. Assim sendo, vê-se que alguns cursos de licenciatura não oferecem o mínimo de conhecimento possível para o futuro docente, tendo o mesmo ter que buscar cursos de especialização até mesmo antes de concluir sua graduação.

Para Mantoan (2003), a reviravolta que é bem mais complexa do que se pensa na preparação de professores para a inclusão ainda não foi bem assimilada pelos que elaboram políticas públicas de educação, pelos que planejam ações para concretizá-las, e é por essas e outras razões que estão sendo oferecidos cursos de especialização *lato sensu* sobre educação inclusiva e que se sugere a inserção da disciplina Educação Inclusiva em cursos de formação de professores.

A questão número 2, teve como objetivo verificar se os futuros professores tinham algum conhecimento sobre o TEA?

2. No decorrer do seu curso a temática autismo foi abordada em algum momento?

E você saberia definir o que é o Transtorno do Espectro Autista TEA?

Alguns dos sujeitos entrevistados disseram que em algum momento tiveram alguma discussão sobre o sujeito autista mais de uma forma muito superficial, pois não tiveram uma disciplina específica sobre esse tema. Quanto às definições sobre o TEA, os mesmos destacam que:

É um transtorno que prejudica a capacidade de interagir e comunicar (SUJEITO A, 2018).

É um transtorno que afeta a cognição do indivíduo (SUJEITO B, 2018)

Entendo como sendo uma síndrome que afeta o desenvolvimento intelectual de uma pessoa. (SUJEITO C, 2018).

É um transtorno que está presente desde o nascimento e se manifesta antes dos três anos de vida, dificultando a vida da pessoa nas áreas sociais, intelectual e sensorial (SUJEITO D).

O sujeito E não respondeu pergunta em questão.

Vê-se que a maioria dos sujeitos, apesar de não terem tido uma disciplina que abordasse sobre o transtorno, tem um conhecimento prévio sobre o mesmo.

De acordo com o DSM V - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, define o TEA como:

Um transtorno que causa prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Esses sintomas estão presentes desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário.

Na questão número 3 foram propostos para que os graduandos descrevessem algumas características do TEA com o objetivo de saber se os mesmos saberiam identificar uma criança que tenha esse transtorno.

3. Você sabe citar algumas características específicas apresentadas por uma criança que tenha TEA?

Comportamentos: motores, verbais, sensoriais (SUJEITO A, 2018).

Possui algumas dificuldades na parte comportamental, cognitiva e motora (SUJEITO B, 2018).

Isolamento, aprendizagem lenta, dificuldades na fala comportamentos peculiares (SUJEITO C, 2018).

Dificuldade em interagir, procura evitar barulho de fogos de artifício, movimentos estereotipados, apego a objetos (SUJEITO D, 2018).

Imperatividade, não fixa o olhar em uma coisa. Alguns desenvolvem bem alguma habilidade (SUJEITO E, 2018).

Pode-se observar que todos os entrevistados citaram características típicas do TEA dentro da tríade socialização, comunicação e comportamento, causando grandes prejuízos para o indivíduo, o mesmo vai ter muitas dificuldades de socialização. Pois segundo Silva (2012), é através da socialização que o indivíduo aprende as regras e os costumes da sociedade em que habita.

A mesma autora enfatiza que:

Os maiores prejuízos estão sempre ligados às habilidades sociais e, quando não tratados adequadamente, podem desencadear dificuldades por toda a vida. (SILVA 2012. p. 60)

Diante dessa afirmação vê-se que é de extrema importância que a família procure um profissional especializado o quanto antes para que se possa ter um diagnóstico preciso e assim dar início ao processo de tratamento mais adequado ao indivíduo com esse transtorno e conseqüentemente os prejuízos serão bem menores na vida adulta do mesmo.

Nessa questão número 4, foram questionados aos graduandos se os mesmos acreditam que a escola regular é o ideal para os alunos com TEA.

<p>4. Você acredita que a inclusão de alunos com TEA em turmas regulares de ensino é o ideal?</p>
---

Segundo o Sujeito A, o mesmo acha que é o ideal sim:

Pois acredito que através do convívio com outros alunos irá ajudar bastante o aluno com TEA (SUJEITO A, 2018).

Com o acompanhamento devido no ensino regular o aluno com TEA, pode vim a ter um desenvolvimento maior por conta da interação com outros alunos no cotidiano (SUJEITO B, 2018).

Essa inclusão poderá auxiliar no desenvolvimento dos alunos com TEA, tanto no processo de ensino aprendizagem quanto na socialização deles com os demais alunos (SUJEITO C, 2018).

O sujeito D, disse não acreditar na inclusão desse aluno na sala regular de ensino como mostra em sua fala a seguir:

O importante é a formação da equipe escolar desde o vigia a direção. O que pode ser visto é que as pessoas com TEA estão nas escolas, dentro da sala, mais excluídas. Infelizmente (SUJEITO D, 2018).

Porque esses alunos precisam está em contato com outros alunos e não serem excluídos do meio escolar até porque eles desenvolvem uma habilidade que pode até destacar eles dos demais o que eles precisariam era de um acompanhante (SUJEITO E, 2018).

Com relação a essa questão pode-se observar que todos os participantes com exceção do Sujeito D, acham que a convivência das crianças com TEA com outras crianças ditas “normais” vai contribuir para o desenvolvimento das mesmas.

De acordo com Mantoan (2003, p. 23),

A escola comum é o ambiente mais adequado para se garantir o relacionamento dos alunos com ou sem deficiência e de mesma idade cronológica, a quebra de qualquer ação discriminatória e todo tipo de interação que possa beneficiar o desenvolvimento cognitivo, social, motor, afetivo dos alunos, em geral.

Nessa mesma linha de pensamento, Silva (2012) afirma que: a vida escolar é especial e todos têm o direito de vivenciar essa experiência. Afinal, é na instituição de ensino que se aprende a conviver em grupo, a se socializar, trabalhar em equipe, conviver com as diferenças: são os primeiros passos rumo à vida adulta.

Continuando com os questionamentos, a questão número 5, foi lançada com o propósito de saber se os sujeitos participantes tiveram em algum momento contatos com crianças autistas.

5. Você já está atuando na área?

Já recebeu em sua turma alguma criança com TEA?

Em caso positivo, descreva como foi trabalhar com essa criança?

Os sujeitos A e B disseram que ainda não estão atuando em sala de aula, portanto, não saberiam quais as dificuldades de se trabalhar com crianças que tenham esse transtorno.

Já os sujeitos C, D e E disseram que:

Foi muito difícil. Não sabia como proceder, tentava auxiliá-lo da melhor forma possível, mas ele necessitava de uma atenção especial, mais exclusiva. Sentia a necessidade do auxílio de alguém em sala de aula (SUJEITO C, 2018).

Já o Sujeito D, com relação a essa questão relatou que:

É maravilhoso trabalhar com crianças com TEA, eles são inteligentes. Conversar antes com a família e conhecer o aluno para poder elaborar um plano individual são o primeiro passo (SUJEITO D, 2018). Já tive um aluno, era complicado porque ele era muito imperativo, não conseguia se concentrar (SUJEITO E, 2018).

Pode-se constatar nas falas dos Sujeitos C, D e E que os mesmos já tiveram contato com crianças autistas, e que tiveram muitas dificuldades em lidar com esse aluno.

Segundo Orrú (2003), é imprescindível que o educador e qualquer outro profissional que trabalhe junto à pessoa com autismo seja um conhecedor da síndrome e de suas características inerentes. Porém, tais conhecimentos devem servir como sustento positivo para o planejamento das ações a serem praticadas e executadas e não como desculpas para o abandono à causa.

A questão número 6, foi criada com intuito de saber dos estudantes quais seriam as maiores dificuldades que os mesmos teriam para trabalhar a inclusão de crianças com TEA.

6. Como futura (o) docente, ou se já está atuando, você se sente preparada (o) para realizar trabalho de inclusão com crianças que tenha TEA?

Nessa questão, todos os entrevistados com exceção do sujeito D, disseram que não se sentem preparados para trabalhar com a inclusão pelos seguintes motivos:

Os Sujeitos A e B tem visões parecidas, entendem que:

O docente tem que se capacitar (SUJEITO A, 2018).  
A criança com TEA necessita de um acompanhamento especializado dentro da sala de aula (SUJEITO B, 2018).

O Sujeito C disse que não se sente preparado:

Pois não conheço quais são as metodologias adequadas para trabalhar com esse tipo de aluno (SUJEITO C, 2018).

Enquanto que o Sujeito D, diz que se sente superpreparado para trabalhar com a inclusão. Observe no relato que se segue:

Eu convivo com uma criança com TEA e não o vejo como diferente, trabalhar com esses alunos é normal para mim, não vejo dificuldades, pois cada pessoa independente da deficiência tem habilidades (SUJEITO D, 2018).

Já o Sujeito E, em sua fala traz à tona, uma problemática recorrente nas escolas que se propõe a receber crianças com deficiência, dificultando assim o trabalho de inclusão desses indivíduos, quando os professores dizem não se sentirem preparados para trabalhar a inclusão. Segundo o Sujeito E:

É difícil ter que dar atenção só pra ele sendo que existem outros alunos, por isso acredito que seria melhor que houvesse uma pessoa especializada para acompanhá-los (SUJEITO E, 2018).

Como se pode observar nos relatos acima, é nítida a dificuldade que os professores enfrentam na hora de se trabalhar a inclusão, pois a maioria diz não se sentir preparado para receber esse aluno.

Os professores do ensino regular consideram-se incompetentes para lidar com as diferenças nas salas de aula, especialmente atender os alunos com deficiência, pois seus colegas especializados sempre se distinguiram por realizar unicamente esse atendimento e exageraram essa capacidade de fazê-lo aos olhos de todos (MITTLER, 2000 apud MANTOAN, 2003).

Dando sequência aos dados colhidos, a questão número 7, pede para que os futuros docentes definam o que é inclusão e o que o professor como mediador pode fazer para que esse processo realmente ocorra.

7 – Nos últimos anos, muito se discute sobre a inclusão de crianças com Necessidade Educacional Especial (NEE) em turmas regulares de ensino. Você tem alguma opinião formada sobre o processo de inclusão desses alunos? Para você o que é inclusão? E qual a importância do papel do professor nesse processo de inclusão? Justifique

Acredito que inclusão é o ato de igualdade entre diferentes indivíduos, o professor tem como papel principal de auxiliar esses alunos (SUJEITO A, 2018).

A inclusão se faz necessária, pois apesar de portadoras de alguma NEE, são todas crianças. Toda criança tende a ter um desenvolvimento significativo quando acompanhado de outras crianças. O papel do professor seria um ser, uma ponte entre crianças sem NEE e crianças com NEE (SUJEITO B, 2018). A inclusão é essencial, mas precisa ser bem planejada, pois muitos profissionais não estão capacitados, e as escolas não estão preparadas. Inclusão é a inserção de uma pessoa num grupo no qual a excluíam. O papel do professor é de mediador, sendo assim, ele será o responsável por criar em sala de aula um ambiente propício para a inclusão (SUJEITO C, 2018). Incluir não é estar na sala, mais participar de todo os conteúdos, aulas, projetos e ser um aluno “normal” naquele ambiente. Todo professor precisa querer desenvolver habilidades daquele aluno e conhecer o aluno (SUJEITO D, 2018).

Para o aluno ser incluído de fato os professores precisam saber sobre esses diversos tipos de especialidades como Síndrome de Down, autismo e outros, mas não só isso é necessário é preciso que cada aluno com especialidade tenha um acompanhante (SUJEITO E).

A inclusão não prevê a utilização de práticas de ensino escolar específicas para esta ou aquela deficiência e/ ou dificuldade de aprender. “Os alunos aprendem nos seus limites e se o ensino for, de fato, de boa qualidade, o professor levarão em conta esses limites e explorará convenientemente as possibilidades de cada um” (MANTOAN, 2003, p. 36).

Na questão número 8, os respondentes foram instigados a relatar a sua opinião sobre a inclusão nos contextos educacional.

8. Enumere alguns aspectos que você considere positivos na inclusão de alunos com deficiência, em turmas regulares.

Caso considere que há pontos negativos cite-os.

Ponto positivo: o principal é a inclusão desses alunos. Negativo: na maioria dos casos, existe a falta de preparação do docente (SUJEITO A, 2018).

Positivo: a própria inclusão dos alunos no ensino regular, a tendência do aluno desenvolver-se com mais facilidade, a interação com outros alunos e professores do sistema regular. Negativo: falta de estrutura no ensino regular para receber tal aluno, preconceito devido a falta de informação sobre aluno com NEE (SUJEITO B, 2018).

O Sujeito C diz que um ponto positivo da inclusão é a:

Socialização e um melhor desenvolvimento (SUJEITO C, 2018).

Positivo: autoestima, fazer com que o aluno se sinta amado, importante naquele ambiente social. Negativo: falta de compromisso com a inclusão por alguns professores (SUJEITO D, 2018).

Pra eles não se sentirem excluídos dos demais. As crianças respeitarem, pois somos iguais nos direitos e como pessoas apesar das nossas diferenças. Um ponto negativo é que as vezes eles não conseguem acompanhar o conteúdo, caso que poderia ser amenizado caso tivessem um acompanhante (SUJEITO E).

Todos os respondentes com exceção do Sujeito C destacam o despreparo dos professores e a estrutura das escolas regulares que em sua maioria não estão preparadas para receber esses alunos com deficiência.

Matoan (2003, p. 14), enfatiza que: “se o que pretendemos é que a escola seja inclusiva, é urgente que seus planos se redefinam para uma educação voltada para a cidadania global, plena, livre de preconceitos e que reconhece e valoriza as diferenças”.

É importante frisar que as mudanças devem ocorrer também no espaço físico da escola para que a mesma possa atender os alunos com os diferentes tipos de deficiência, dando mais autonomia aos mesmos.

A questão de número 9 traz um questionamento muito importante sobre os Cursos de Formação Docente oferecido nas Instituições de Ensino Superior, a mesma tem como objetivo principal verificar se os conhecimentos adquiridos durante o processo de formação é suficiente para trabalhar a inclusão de alunos com deficiência, e em especial o aluno que tenha TEA.

9. Em sua opinião, a formação acadêmica fornecida pelas instituições de ensino superior, nos cursos de formação docente, capacita os futuros docentes para trabalhar a inclusão de uma criança com TEA?

Em que momentos, você como profissional da educação, poderá obter essas informações sobre educação especial/inclusiva de estudantes com TEA? Justifique.

Não capacita. Isso porque a disciplina é ministrada em pouco tempo, sabemos que o docente tem que está preparado para essa situação (SUJEITO A, 2018).

A universidade tenta dispor essa formação, mas o período que ela se dá e o pouco tempo que o professor tem para trabalhar a disciplina, prejudica a formação e capacitação para se trabalhar com alunos com TEA. Penso que após a formação acadêmica poderei focar em tal conhecimento, pois a inclusão hoje é uma realidade no ensino regular (SUJEITO B, 2018).

Não capacita. As informações podem ser adquiridas em especializações voltadas para a educação especial/inclusiva, experiências compartilhadas por outros docentes, capacitações, etc (SUJEITO C, 2018).

Não. Na minha formação só tivemos 60 horas na disciplina e não capacita um profissional. Tive que fazer cursos e pós-graduação voltada pra temática (SUJEITO D, 2018).

Não capacita, não me sinto preparada porque não conheço bem os alunos com TEA. E acredito que mesmo conhecendo seria difícil trabalhar com esses alunos e os demais, por isso acredito que um professor especializado para acompanhá-los seria essencial (SUJEITO E, 2018).

Com relação a essa questão a maioria dos participantes relatou que a formação superior não capacita, pois, a quantidade de horas/aulas ofertada sobre inclusão, quando se é ofertada, é insuficiente para obter conhecimentos para se trabalhar a inclusão, e que o ideal é fazer cursos de capacitação.

Na interpretação de Mantoan (2003), todos os níveis dos cursos de formação de professores devem sofrer modificações nos seus currículos, de modo que os futuros professores aprendam práticas de ensino adequadas às diferenças.

Lima (2002), afirma que apesar dos avanços dos ideários e de projetos político-pedagógicos, muitas instituições de ensino ainda não implementaram ações que favoreçam a formação de seus professores para trabalharem com a inclusão. Para tanto, é importante que eles compreendam o contexto sócio histórico da exclusão e o da proposta de inclusão. Além disto, é necessário que os professores possuam o domínio básico de conhecimentos que os auxiliem a se aproximarem das pessoas com deficiência, no sentido de interagirem com elas, obtendo assim subsídios para atuarem pedagogicamente.

Os dados colhidos através do questionário aplicado com os estudantes, foi de suma importância para a pesquisadora, pois possibilitou a mesma perceber que a inclusão de crianças com deficiência no contexto educacional é uma questão muito

desafiadora para professores que já atuam na área e principalmente para aqueles que estão chegando. Percebe-se que a graduação é só o primeiro passo, pois é preciso que o professor esteja sempre em processo de formação continuada para que possa atender as necessidades de todos os seus alunos, sejam eles deficientes ou não.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo principal entender o que é o TEA, quais as características apresentadas pelos indivíduos com esse transtorno, e como é classificado atualmente, e o que os professores devem fazer ao receber esses indivíduos na sala de aula regular, e em um segundo momento analisar alguns cursos na área de formação docente, com o objetivo de averiguar se os futuros professores, ao final de sua formação se sentem preparados para trabalhar a inclusão dessas crianças com deficiência em suas salas de aula, pois se sabe que a inclusão é uma realidade e os profissionais da educação precisam estar preparados para que de fato a inclusão ocorra em todos os espaços seja escolar ou social, independentemente de qual seja o tipo de deficiência ou a classe social.

A partir de levantamentos bibliográficos, pode-se evidenciar que o autismo foco desse trabalho é um transtorno muito complexo, tornando-se assim um desafio para pais, professores e profissionais da área da saúde principalmente quando é chegada a hora de incluir essa criança no contexto educacional, pois é sabido que a educação é essencial para o desenvolvimento cognitivo e psicossocial do indivíduo, e para isso é necessário que se faça um trabalho em conjunto por parte desses profissionais. No decorrer da pesquisa é possível perceber que a criança com o TEA, quanto mais cedo ela for diagnosticada e começar o tratamento indicado, maiores serão as chances dela desenvolver algumas habilidades dentro das três áreas afetadas como a comunicação, comportamento e a socialização, possibilitando assim, a esses indivíduos a oportunidade de ter uma vida mais independente no futuro, dependendo do grau de autismo que o mesmo venha a apresentar, pois a forma como se apresenta em um indivíduo pode ser diferente como se apresenta em outro.

Como afirma Mantoan (2003), a escola prepara o futuro e, de certo que, se as crianças aprenderem a valorizar e a conviver com as diferenças nas salas de aula, serão adultos bem diferentes de nós, que temos de nos empenhar tanto para entender e viver a experiência da inclusão. Com base nessa afirmação, acredita-se que a escola seja o espaço ideal e o mais completo para essas crianças se desenvolverem socialmente e intelectualmente.

Considero que o maior desafio atualmente para que de fato ocorra a inclusão, seja a conscientização da sociedade, e um maior desempenho por parte das instituições educacionais, dos profissionais da educação juntamente com o apoio da

família. Pois só assim será possível buscar possibilidades e tornar possível essa inserção neste meio social e escolar.

Conclui-se que diante da complexidade em que o TEA se apresenta, é necessário que haja uma maior reflexão sobre os cursos superiores de formação de professores, para que os mesmos, ao saírem de seus cursos de formação se sintam mais preparados para realizar o processo de ensino-aprendizagem do aluno com necessidades educacionais especiais, principalmente o aluno autista, por ser um transtorno bem complexo e que se apresenta em vários graus. Através do questionário aplicado na pesquisa de campo foi possível perceber que os futuros docentes não se sentem preparados para trabalhar a inclusão, pois segundo os mesmos, a carga horaria oferecida nas disciplinas inclusivas quando se é ofertada, é muito curta, impossibilitando uma melhor preparação do profissional da educação que tem um desafio enorme pela frente e precisa estar preparado para lidar com as diferenças.

Acredito que esse trabalho seja de grande importância para se refletir à cerca dos cursos de formação docente e que sirva como ação reflexiva da prática docente ao lidar com crianças com deficiência, principalmente o indivíduo com TEA, que requer um uma atenção mais especializada, um olhar mais atento por parte dos profissionais que vão receber essas crianças nas salas regulares de ensino. Quero aqui ressaltar que esta pesquisa foi de grande importância para a pesquisadora em questão, pois possibilitou um conhecimento mais aprofundado sobre o Transtorno do Espectro Autista, e que a pretensão é continuar com os estudos sobre essa temática, autismo e inclusão, pois considero um tema muito instigante e percebe-se que apesar dos avanços da inclusão, ainda há um longo caminho a ser percorrido sobre o tema em questão.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM 5**. Tradução de Maria Inês Correa Nascimento et al; revisão técnica Aristides Volpato Cordiolo. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2014.

BRASIL. **Autismo: Orientação para pais / Casa do Autista** - Brasília: Ministério da Saúde, 2000.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Documentação, 2017. 514 p.

\_\_\_\_\_. **Declaração de Salamanca**. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Áreas das Necessidades Educativas Especiais. Brasília: UNESCO, 1994. Disponível em: [redeinclusao.web.ua.pt/docstation/com\\_docstation/19/fl\\_9.pdf](http://redeinclusao.web.ua.pt/docstation/com_docstation/19/fl_9.pdf). Acesso em: 28 de setembro de 2017.

\_\_\_\_\_. **Documento subsidiário à política de inclusão**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial, 2005. Disponível em: [portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/docsubsidiariopoliticadeinclusao.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/docsubsidiariopoliticadeinclusao.pdf). Acesso em: 03 de outubro de 2017.

DEFENSORIA PÚBLICA do Estado de São Paulo. **Cartilha: Direitos das Pessoas com Autismo**. 2011. Disponível em: [www.revistaautismo.com.br/CartilhaDireitos.pdf](http://www.revistaautismo.com.br/CartilhaDireitos.pdf). Acesso em: 04 de outubro de 2017.

FELICIO, Viviane Cintra. **O autismo e o professor: um saber que pode ajudar**. 2007. 56 f. Faculdade de Ciências, Campus de Bauru 2007. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2007.

FRIAS, Elizabel Maria Alberton; MENEZES, Maria Christine Berdusco. **Inclusão Escolar do aluno com necessidades educacionais especiais**: contribuições ao professor do Ensino Regular.

GALVÃO, Simone do Valle. **A prática pedagógica diante da inclusão do aluno com autismo em uma escola comum**. 2014. 75 fls. Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

LIMA P.A. **Educação inclusiva e igualdade social**. São Paulo; AVERCAMP, 2002.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Editora Moderna, 2003.

MELO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: Guia Prático**, 7ª Edição. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007.

NOGUEIRA, Erica de Sousa. **Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Método de São Paulo. Licenciatura em Pedagogia. São Paulo, 2014.

NÓVOA, Antônio. **Aprendizagem não é saber muito.** Entrevista publicada por Cinthia Rodrigues em Carta Educação, em 27 de abril de 2015. Disponível em: [www.cartaeducacao.com.br](http://www.cartaeducacao.com.br) › Entrevistas.

ORRÚ, Sílvia Ester. **A formação de professores e a educação de autistas.** 2003. 15 fls. Fundação de Encino Octavio Bastos, Brasil. OEI - Revista Iberoamericana de Educación (ISSN: 1681-5653). Disponível em: <http://www.rieoei.org/historico/deloslectores/391Orru.pdf>. Acesso em: 04 de outubro de 2017.

PRAÇA, Élide Tamara Prata de Oliveira. **Uma reflexão acerca da inclusão de aluno autista no ensino regular.** 2011. 140 fls. Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Exatas. Pós-Graduação em Educação Matemática Mestrado Profissional em Educação Matemática. Juiz de Fora (MG), 2011.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mundo Singular: entenda o autismo.** Rio de Janeiro: Ed. Fontanar, 2012.

SILVA, Saira Jaqueline Resende. **O ALUNO AUTISTA: uma reflexão acerca do papel do professor como incentivador de uma aprendizagem significativa.** 2015. 76 fls. Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Pará de Minas, Minas Gerais. 2015.

SUPLINO, Maryse Helena Felipe de Oliveira. **Retratos e imagens das vivências inclusivas de dois alunos com autismo em classes regulares.** 2007. 169 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: [www.eduinclusivapesq-uerj.pro.br/images/pdf/MaryseSuplino\\_Tese\\_2007.pdf](http://www.eduinclusivapesq-uerj.pro.br/images/pdf/MaryseSuplino_Tese_2007.pdf). Acesso em: 03 de dezembro de 2017.

VIEIRA, Scheilla Abbud. **Somos todos autistas, a gradação está nos rótulos.** Disponível em: [autisters.blogspot.com/2009/07/autistando.html](http://autisters.blogspot.com/2009/07/autistando.html): Acesso em: 28/11/2017.

**ANEXOS**  
**ANEXO A: QUESTIONÁRIO**

Identificação:

Nome:

Idade: até 20 ( ) 21 a 30 ( ) 31 a 40 ( ) 41 a 50 ( ) mais de 50 ( )

Sexo:

Curso de formação:

Período que está cursando:\_\_\_\_\_ ou já graduado?

1ª) - Na grade curricular de seu curso há ou teve alguma disciplina específica voltada para a temática educação especial/inclusiva?

2ª) – No decorrer do seu curso a temática autismo foi abordada em algum momento? Sim. E você saberia definir o que é o Transtorno do Espectro Autista TEA?\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3ª) – você sabe citar algumas características apresentadas por uma criança que tenha TEA?\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

4ª) - Você acredita que a inclusão de alunos com TEA, em turmas regular de ensino, é o ideal?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

5ª) - Você já está atuando na área? Já recebeu em sua turma alguma criança com TEA? Em caso positivo, descreva como foi trabalhar com essa criança?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

6ª) - Como futura (o) docente, ou se já está atuando, você se sente preparada(o) para realizar trabalho de inclusão com crianças que tenha TEA?

---

---

---

7ª) – Nos últimos anos, muito se discute sobre a inclusão de crianças com Necessidade Educacional Especial (NEE) em turmas regulares de ensino. Vtem alguma opinião formada sobre o processo de inclusão desses alunos? Para você o que é inclusão? E qual a importância do papel do professor nesse processo de inclusão? Justifique. \_\_\_\_\_

---

---

8ª) Enumere alguns aspectos que você considere positivos na inclusão de alunos com deficiência, em turmas regulares. Caso considere que há pontos negativos cite-os.

---

---

9ª) - Em sua opinião, a formação acadêmica fornecida pelas instituições de ensino superior nos cursos de formação docente, capacitam os futuros docentes para trabalhar a inclusão de uma criança com TEA? em que momentos, você como profissional da educação, poderá obter essas informações sobre educação especial/inclusiva de estudantes com tea? Justifique.

---

---

---

**ANEXO B: TERMO DE CONSENTIMENTO/ESCLARECIMENTO AO ENTREVISTADO**

Prezado

Por meio deste questionário solicitamos colaboração na realização da pesquisa de campo do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Ciências Humanas, com Habilitação em Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, campus Bacabal, cujo objetivo é averiguar os conhecimentos adquiridos nas disciplinas que abordam a temática educação especial e inclusiva nos cursos de licenciatura, em especial a temática: Transtorno do Espectro Autista (TEA), tema central desse estudo.

Sua identidade será preservada, portanto, adotaremos nomes fictícios.

Desde de já, agradecemos a colaboração.

Autorizo a utilização desse questionário para pesquisa, desde que mantenha sigilo de minha identidade.

---

Assinatura do entrevistado

Agradecemos e afirmamos compromisso, quanto ao sigilo de sua identidade:

---

Assinatura do pesquisador

Bacabal - MA, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.